

UNIVERSITÁRIAS

**Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul**

FACULDADE DE FILOSOFIA

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

3.º ANO

Professor: General Amyr Borges Fortes

TRABALHO DE GEOGRAFIA DO BRASIL

Bacia do São Francisco

Armely Theresinha Maricato

Caio Torres Martins

Dejanira Sequeira

Elizabeth de Castro

Elenir Reck

Erminia Rocha

Helena Fonseca Mello

H. A. Thofehrn

Hetrminia Borges Soares

Italice Xavier Pires

Lourdes Batagelo

Maria Diva Neves

Maria Zelide Ferronato

Marlize Roessler

Otávio Alvares

Teresinha de Jesus Santos Motta

Terezinha Mayer

Zeli Correa

Zita Biazzuz

Uriema Coimbra Chrysóstomo

Valéria Phillip

O Rio São Francisco

Aspectos Geo-Humanos da Bacia

I RELAÇÕES FISIOGRAFICAS

a) INTRODUÇÃO

Sem querer afirmar propriamente que o homem seja um produto do meio, ele é, sem dúvida, um produto de sua atitude face ao meio ambiente. A maior ou menor dominação do espaço geográfico pelo homem depende, em essência, de suas qualidades inerentes e do conhecimento das condições do meio ambiente.

O homem é caracterizado pelo afã de ocupar as bacias hidrográficas em toda sua extensão. De acordo com sua formação cultural fixa-se, com mais frequência em determinadas regiões da bacia. Assim o homem de maior cultura ocupa o vale próximo e fértil, criando irrigação, rotações consentâneas com o regime do rio e defesas contra as cheias.

O Brasil não é, como faz crer aos brasileiros a pregação desavisada dos poetas, um país naturalmente rico, nem é, segundo os pessimistas, um país essencialmente pobre: o território brasileiro é, consoante os geógrafos, potencialmente rico, dentro de uma paisagem em princípio hostil ao esforço desbravador.

As grandes bacias hidrográficas brasileiras tem provado, de sobejos, as dificuldades que o solo brasileiro opõe à humanização plena. A maior delas, a do Amazonas, enfaixando um território maior que toda Europa, por séculos absorverá grandes parcelas do orçamento nacional no afã de transformá-la em celeiro do Brasil e do mundo.

Por outro lado há o problema étnico brasileiro. No «melting pot» da formação nacional entraram em notável número, elementos antropológicos indígenas e africanos que redundaram, no nordeste brasileiro, no tipo étnico do «caboclo» cameproscópio, de baixa estan-

tura braquicefalo e bronzeado. E' de índole fatalista e permeável às doenças, dotado de viva inteligência. Este elemento humano, a par com os elementos ambientais da bacia do São Francisco tem determinado a

b) ATITUDE DO HOMEM BRASILEIRO FACE AO MEIO-AMBIENTE DO SÃO FRANCISCO:

Na humanização da paisagem brasileira o Rio São Francisco tem ocupado uma posição histórico-geográfica de relevância, uma vez que, dado sua posição, a bacia são-franciscana foi a primeira a ser ocupada pelo homem, tendo, por isto, a primazia de desfazer em algo a meliflua carta de Pero Vaz de Caminha.

A Bacia do São Francisco é um sistema complexo, de paisagens diferenciadas, algumas das quais de difícil conversão ao aproveitamento racional pelo homem.

c) INFLUÊNCIA DO RELEVO:

A bacia é constituída, em sua maior parte, por formações de complexo cristalino antigo, recobertos pelos depósitos quaternários na bacia média e inferior e, principalmente, no delta.

O rio São Francisco, como rio de planalto entalhado paralelamente à orla atlântica, tem, ao longo de seu curso, ora consequente, subsequente ou imposto, os climas bastante diferenciados, que conduzem a modelados e paisagens bem diversas, berço dos variados tipos de economia que emprestam a complexidade típica aos problemas da bacia.

O aproveitamento das vantagens oferecidas pelo relevo da bacia São Franciscana é essencialmente primário. Geomorfologicamente o relevo se reveste de simplicidade. Corre o rio,

de uma maneira geral, em uma peneplanicie, intercalada por raros monadnoks e alguns restberps, de esculpido pluvial e eólico bizarro.

Esta simplicidade morfológica tem levado ao encarramento simplicista dos problemas da bacia são-franciscana como um todo, descuidando-se da grande diferenciação das estrutural paisagens.

A bacia do São Francisco é bastante estreita, circunscrita pelo relêvo pronunciado de espiões residuais, a ponto de merecer a denominação de «faixa de São Francisco», dada pelo geógrafo Preston James.

Desprovida de comunicações outras sinão o próprio sistema hidrográfico e dois ramais incompletos de estrada de ferro, a economia do vale se restringe quase exclusivamente à bacia circunscrita pelos cumes do relêvo. Isto limita a economia, já por si primária, ao vale, imprimindo a esta um caráter rotativo restrito à bacia, impedindo a entrada de capital proveniente da exportação. Esta contingência é bastante ligada ao relêvo; o rio tem sua navegação limitada à trechos distintos e não pode ser percorrido até a foz, devido a presença das cachoeiras, das quais a de Paulo Afonso é a mais importante. Estas quedas, tão inconvenientes para a navegação, tem papel destacado na eletrificação do vale. Da mesma forma são fontes de futura energia, os «estreitos» entalhados pelo rio na rocha.

O parco escoamento da produção se processa pelas estradas de Joazeiro e Montes Claros, rasgadas através das «serras» do Espinhaço e da Chapada Diamantina. O principal comércio é de gado, peles, óleo de mamona e algodão.

a) INFLUÊNCIA DO CLIMA:

A barreira atlântica e a estreiteza da bacia são-franciscana fazem com que a precipitação se processe com grande desigualdade, criando assim paisagens de topografia diversa. Em consequência desta desigualdade das chuvas temos, no alto São-Francisco, a predominância das características das regiões humidas e no curso médio um regime semi-árido, mais pronunciado na região de Joazeiro.

Os ventos constantes no vale, que dão origem à navegação tipo nilica, de vela triangular, no curso médio do rio, são do quadrante leste e os alísios do sudoeste, os quais não causam precipitações.

O clima influiu tanto sobre a distribuição demográfica como sobre a economia do vale.

A atitude do homem brasileiro face ao meio-ambiente não é sempre das mais inteligentes. Parece até haver uma certa aversão ao estudo e planejamento geográfico.

Os fatores básicos do povoamento da bacia do São Francisco foram os mesmos de quase todo o Brasil: a escravização do índio, o ouro e a criação de gado. Neste último período se encaixa a doação de sesmarias, iniciando uma colonização dispersiva, destituída de qualquer estudo geográfico elementar, sobreimpondo à paisagem uma economia discordante, desprezando as reais possibilidades da bacia, exploráveis através de um plano racional de distribuição econômica demográfica.

O sistema latifundiário instituído em parte da bacia, retardou sensivelmente o povoamento regular da bacia e ajudou a gerar as aglomerações em núcleos, dificultando, também, a colonização racional. Este sistema por outro lado tornou árduo a exploração dos consideráveis recursos minerais da região. O drama do polígono das secas se repete, em parte, no vale do São Francisco: nos climas áridos teima-se na agricultura, em vez de explorar os recursos, nas zonas agrícolas se insiste na aglomeração nuclear e no latifúndio, em vez de usar o São Francisco como meio de escoamento da produção da grande área circunvizinha à bacia para o mar, pratica-se a navegação interna do tipo nilico, limitada ao intercâmbio da bacia. Agrava-se a dificuldade da dominação do meio ambiente com uma atitude geográfica irracional, e cabe à comissão do planejamento da bacia a correção gradativa desta situação ainda com grande sacrifício do orçamento nacional. Espera-se que a ocupação das muitas bacias hidrográficas brasileiras, ainda virgens de humanização, se processe de uma maneira mais consensual com os postulados da geografia moderna.

e) INFLUENCIA DA BACIA HIDROGRAFICA

O relevo, o clima e a bacia formaram paisagens fitogeográficas distintas, de cerrados no curso superior, matas e vazantes no curso médio, ambos cercados de campos gerais do antiplano. No curso inferior se distingue a caatinga.

A influência da «bacia» sobre o homem do São Francisco, terminou por criar um tipo

étnico distinto, de atividades condicionadas ao rio e a suas regiões naturais.

Com exceção dos maiores centros de aglomeração, dotados de indústria — entre as quais se destaca Belo Horizonte — o meio ambiente tem atuado sobre o homem em muito maior escala do que este sobre aquele. Assim na região da mata, o caboclo se dedica à coleta, nos campos gerais à criação de gado extensiva, nas bordas do complexo algonqueano à garimpagem, no curso médio do rio à pesca e nave-



gação, tudo de forma primária e, escassamente racional.

O transporte é feito pelos extensos trechos navegáveis, em tramos separados, destacando-se, no São Francisco médio, a navegação do tipo nilíco e no curso inferior a do mississipiano antigo. Esta forma primitiva de transporte, também geradora de um tipo humano distinto dentro das características gerais do caboclo Sanfranciscano, é suplementada pelo Jegue — o típico burrinho de carga do São Francisco.

f) INFLUÊNCIA DA POSIÇÃO E DAS INTERRELACOES:

A bacia hidrográfica do São Francisco tem tido um papel isolador. O fato do rio ser navegável por trechos, fechado para o oceano pelas quedas de Paulo Afonso, a característica orográfica de Bacia-faixa, desprovida de transporte rodoviário que a comunique com outras regiões econômicas extravalências, tem exercido um papel isolacionista para bacia, acentuando a primariade de sua humanização. O homem típico da bacia do São Francisco, em suas paisagens diferenciadas e sua posição de alijamento, é um elemento assaz permeável às determinantes do meio físico. Levará, sem dúvida, um longo período de melhoramentos sucessivos, saneamento e instrução, para modificar a atitude passiva diante do meio telúrico para uma atitude de domínio pleno do meio-ambiente.

II — ESTUDO ÉTNICO E HISTÓRICO DO HOMEM

Antes da descoberta de Pedro Álvares Cabral o vale do Rio São Francisco era habitado por tribus Tupis, Caraibas, Gês e Cariús.

Em 1501 Américo Vespúcio descobre o estuário do grande rio. Desde então o homem branco foi atraído pelas riquezas, que essa bacia oferecia e que os índios já conheciam e exploravam. Com o 1.o Governador geral Tomé de Souza, veio entre outros, Garcia D'Ávila que seria o grande incentivador do povoamento naquela região São Franciscana. Depois viria Guedes de Brito. Até então os portugueses

limitavam-se a percorrer o litoral.

Prevendo índios, Garcia D'Ávila internou-se pelo vale do São Francisco e percebeu logo, as vantagens de serem aquelas várzeas aproveitadas para a incipiente pecuária nordestina.

Obteve sesmarias e ei-lo fundando currais pelo São Francisco acima. Em 1587 Garcia D'Ávila já possuía 10 currais. Em cada curral deixava um casal de escravos, uma pequena ponta de gado e um casal de equinos.

Esses currais cresceram e multiplicaram-se e foram o sustentáculo da indústria do açúcar que florescia no litoral.

Já no começo do Século XVIII Antonil escrevia: «Sendo o Sertão da Bahia tão dilatado, como temos referido, quase todo pertence a duas das principais famílias da mesma cidade, que são a da Torre e a do defunto Mestre de Campo Antonio Guedes de Brito. Porque a casa da Torre tem 260 léguas pelo rio São Francisco acima, à mão direita indo para o Norte, chega a 80 léguas. E os herdeiros do Mestre de Campo Antônio Guedes possuem desde o morro dos Chapéus até as nascentes do rio das Velhas, 160 léguas.

O gado foi, pois o primeiro a incentivar o povoamento do interior nordestino. Pernambuco, Minas, Bahia e Piauí, devem o povoamento de seu interior, a multiplicação dos currais, à pecuária que florescia naquelas terras que a natureza fez propícia e que a visão e iniciativa de um desbravador, tornaram habitados.

A pecuária, no entanto, não podia competir com a indústria do açúcar que naquela época abastecia os mercados europeus.

A riqueza circunscrevia-se ao litoral, no interior permaneciam os aventureiros, os preadeiros de índios, os bandeirantes.

O São Francisco foi um polizador; nenhum outro rio do Brasil teve uma função histórica tão importante. Nem para alcançar o São Francisco os baianos precisaram armar bandeiras; o deslocamento dos rebanhos e a necessidade de novas pastagens alargaram a região pastoril até o vale maravilhoso. Segundo M. Cavalcanti Proença, ao Norte a penetração se faz no coice das boladas, o homem seguindo a capital caminha. As estradas de

«boiadas» foram os caminhos definitivos, por elas, transitou o exercito português na guerra com os holandeses e por elas rolou o povoamento, plantando aldeias e vilas por todo o nordeste.

Esse povoamento foi efetuado por 3 pontos distintos: 1) pela foz, acompanhando os currais de gado dos Avila e dos Guedes de Brito. 2) pelas cabeceiras, vindo de S. Vicente e transpondo a Mantiqueira e a bacia do rio Grande. 3) Pelo médio São Francisco, através os tributários baianos do Atlântico. Foi obra das gentes que habitavam os três núcleos mais ativos da nossa história nos Séculos XVI e XVII — Pernambuco, S. Vicente e Bahia.

A colonização feita por Pernambuco, e Bahia foi lenta e progressiva, subindo o curso do rio e assenhoreando-se das terras marginais infletindo pelos tributários e batizando essa ocupação com a construção de currais. Já a colonização paulista do alto São Francisco foi muito mais impetuosa e rápida, apesar de mais tardia e girava em torno do ouro revelado nas terras de Minas Gerais.

Os currais de gado conquistando latifúndios, as entradas e bandeiras salteando índios e caçando ouro, avançou a colonização pelo interior, incentivada pela iniciativa particular.

A primeira entrada de vulto, de que se tem notícia foi a de Francisco Spínosa da qual fez parte Azpícueta Navarro. Partindo do litoral baiano em março de 1554 «atravessou matas virgens, rios e serras, enfrentando a hostilidade dos tamoios e atravessando uma serra muito extensa que corre do Norte para o Sul, chegou a um rio muito grande e caudaloso que, pela informação dos índios, deveria ser o São Francisco.»

Em 1578, a mando do Governador Luiz de Brito, Sebastião Alvares vai até o médio São Francisco em busca de pedras preciosas.

Em 1580, em viagens diferentes, Gabriel Soares de Souza e seu irmão João Coelho de Souza foram ao São Francisco através do Paraguassú.

Em 1590, Cristóvão de Barros completa a conquista do rio Serigote que ficou livre de índios e pronto para ser povoado.

E' nessa oportunidade que mais vão se destacar os Garcia d'Ávila, plantando currais, em guerra aberta aos índios, espulsando, matando e preando os cariris.

A marcha conquistando latifúndios foi fecunda mas árdua. O selvagem era repelido mas refluia; vencido mas reajustava suas forças e voltava a defender sua terra com uma bravura invulgar.

Ainda em 1715 os cariris andavam em correrias atacando e pondo em estado de guerra os colonos que habitavam o sertão do São Francisco ao Maranhão.

Quando da invasão Holandesa já o baixo São Francisco está povoado de gado ao mesmo tempo que se esboça o domínio do curso médio do rio. Com os holandeses a progressão dos currais torna-se mais lenta mas não é interrompida.

Ao terminar a guerra com os bártavos, já existiam sesmarias demarcadas nas cachoeiras de Sobradinho.

Os Avila e os Guedes de Brito continuaram com a marcha de seus currais para o interior.

Entretanto, os índios insurretos nunca deixaram de ameaçar a existência dos vaqueiros, impedindo ou retardando o estabelecimento de novas fazendas de gado.

Os negros fugidos dos engenhos e fazendas também cresceram em número e ousadia, Palmares era uma nação que fazia guerra de corso aos criadores.

Várias expedições foram enviadas contra os quilombos finalmente, em 1694, Domingos Jorge Velho destrói os mocambos do Outeiro da Barriga.

Pelo contrato anteriormente estabelecido, foram então distribuídas terras de sesmaria aos participantes da bandeira de Jorge Velho. Este, permaneceu no Sertão de Palmares, onde fundou o arraial de N. S. das Brotas. Seu Sargento Mor Cristóvão de Mendonça, foi para os arredores de Pôrto Calvo.

Na distribuição das sesmarias coube: seis léguas ao comandante; quatro ao Sargento mor; três a cada capitão; duas para os alferes e uma para os soldados brancos. Ainda mais: foram distribuídos quase 200 léguas a diversos proprietários.

A vitória dos criadores sobre os índios e negros, no fim do século XVII, foi decisiva para a expansão da Sociedade pastoril, abrindo caminho para a conquista rápida do sertão. A distribuição de sesmarias consolidou a conquista de Jorge Velho.

Prossegue a dispersão dos rebanhos, da margem pernambucana, os currais atingiram o vale do Paracatú e pelo lado da Bahia chegaram ao rio das Velhas.

Até então a riqueza circunscrevia-se aos engenhos de açúcar do litoral. Mas, eis que, é descoberto ouro em Minas e Bahia. Os engenhos decrescem de produção e não podem competir com a mineração.

Os escravos negros, mão de obra cara, são levados para as minas que são mais rendosas.

E nessa oportunidade, que a pecuária firma-se e desenvolve-se pelo interior, alimentando aqueles caçadores de esmeraldas e fiscadores de ouro como já havia alimentado a população plantadora da cana no litoral.

A agricultura das margens do grande rio também contribui para que seja possível a mineração em grande escala. Mesmo assim, entretanto, vários fiscadores morreram de fome por falta de recursos na região das minas. O escravo negro permanece nas minas enquanto o lucro é fabuloso. É levado para o litoral assim que a plantação da cana, do tabaco e do cacau tornam-se compensadores.

Foi essa uma das razões pelas quais o negro muito contribuiu com seu sangue para a formação do tipo litorâneo, enquanto o índio mesclava com o português dos currais, no interior. Em função da cana de açúcar, do gado e do ouro formou-se na bacia em estudo, uma população heterogênea, resultante do cruzamento dos vários elementos que atingiram aquelas paragens nos primeiros tempos de sua colonização:

O índio, assimilado ou expulso pelo branco; o negro que substituiu o índio nos trabalhos mais pesados.

A fusão dessas três raças formou o caboclo que Geraldo Rocha denomina de sub-raça. Foi esse caboclo o elemento que predominou no interior.

O índio que não foi assimilado, fugiu ou foi exterminado. O negro, passada a fase áu-

rea da mineração voltou para o litoral a plantar açúcar, cacau e tabaco, capazes de sustentar uma mão de obra mais cara.

O caboclo permaneceu isolado no interior e na luta contra os bátabos começou adquirir o sentimento de nacionalidade.

Ainda hoje, toda a bacia do médio São Francisco é habitada pelo caboclo, homem pobre e sofredor, ricos apenas na témpera de aço que herdaram dos pioneiros descobridores do interland brasileiro.

Afastados da civilização litorânea, minados pelo impaludismo sujeitos a um clima adverso, fatigados pelas secas e enchentes periódicas, o caboclo nordestino não progrediu.

Acrescente-se a isso a grande percentagem de sangue índio de que é portador. O caboclo é o elemento humano dominante na região principalmente do médio São Francisco. Os brancos, negros e índios acham-se reduzidos a pequenissima porcentagem.

A população branca existente na região é representada pelos descendentes dos antigos povoadores. Essa população constitui a classe abastada; possuidores de grandes propriedades controlam o comércio e administração local. Os negros que foram levados para a bacia do São Francisco, chegaram a constituir 1/3 da população.

Com a abolição fugiram para as minas ou para os grandes núcleos populacionais. Embora seja pequeno o número notamos a influência do negro principalmente através da religião e dos costumes.

Muito antes da Independência já se achava povoado o vale do grande rio.

Além dos elementos puros das três raças citadas, entraram também, mestiços gerados no litoral, principalmente filhos de europeus com índios.

Devido ao clima tropical do interior, diminuiu em certa época a penetração, principalmente de elementos que viram mais fácil a cultura do açúcar na costa, com a importação de africanos mais fortes e menos fujões que os índios. A própria exploração do ouro mostrava sinais de esgotamento; o gado do litoral satisfazia as necessidades não havendo assim uma perspectiva atraente para os poucos

europeus internarem-se pelo vale do São Francisco.

As sêcas chegaram até a provocar emigrações para o norte e para o sul.

Assim, o centro do Planalto Brasileiro não recebeu contribuição étnica durante muito tempo.

Devido as reduzidas comunicações com a costa, as populações do centro do Brasil ficaram sem novas contribuições humanas. Multiplicaram-se assim os cruzamentos entre os diferentes tipos humanos da região, sem contribuições dos costumes dos litorâneos.

A população do São Francisco ficou segregada cerca de um século, de modo que seus costumes evoluíram em função do meio ambiente.

Quando, já no século XX, reabriram-se comunicações da costa com o interior, o nosso homem do litoral deparou-se com o sertanejo, de caracteres psíquicos, organização social e costumes diferentes.

O que seria então o caboclo do São Francisco? Ora si consideramos que o português que veio para o Brasil, já era um caldeamento de árabes, celtiberos, norticos etc.; que o nosso indígena devido as constantes migrações eram um amontoado de tipos raciais; que os negros introduzidos no Brasil tiveram as mais diversas origens africanas, chegaremos a conclusão que o nosso caboclo é o resultado do cruzamento de vários tipos componentes das 3 raças: branca, preta e vermelha; Seria uma sub-raça como denominou Geraldo Rocha, devido ao grande período de tempo em que esteve segregado de miscigenação. O fator geográfico principalmente, teria influido na formação desse tipo diferente de todos os outros tipos que étnicamente lhe deram origem.

A personalidade normal do caboclo são franciscano não é muito diferente da personalidade do tipo litorâneo.

Bom chefe de família, o sertanejo não bebe em demasia, não é costumás no jogo e o adultério é muito pouco comum, principalmente entre as mulheres, mesmo que da classe baixa. Devido a falta de escolas os analfabetos são a maioria, prepondera a religião ca-

tólica apesar da tendência para as superstições.

POPULAÇÃO ATUAL

A zona ribeirinha é sensivelmente mais povoadas, pois é aí que se instalaram as cidades e vilas.

Na caatinga a população é disseminada. Há regiões quase desertas como as chapadas agrestes.

A depressão econômica consequente das sêcas tem determinado um êxodo de populações localizadas principalmente entre Januária e Barra Grande. O homem emigra só, deixando a família na esperança de voltar provido de maiores recursos. Ultimamente a emigração tem se dado para São Paulo e Minas e agora vai toda a família disparando da seca inclemente.

Em consequência desses movimentos, nota-se uma flutuação da população: em determinadas regiões ela cresce, noutras diminui. Possue grandes centros urbanos no baixo e no alto São Francisco e apenas vilas no médio São Francisco, com exceção de pequenas cidades.

III — AMBIENTE SOCIAL

A característica marcante da população são franciscana do trecho médio do rio é a aglomeração em núcleos.

Com os Ávila e os Guedes de Brito, no século XVI, iniciam-se na região os grandes latifúndios que até hoje predominam no trecho médio da bacia, justamente a menos dotada de recursos econômicos.

E que, devido a aridez da região, por relação, predominou a pecuária extensiva, única capaz de enfrentar as dificuldades da água.

Na bacia do alto São Francisco, pelo fato de estar perto dos grandes centros industriais e consumidores e devido ao clima, a região desenvolveu-se e povoou-se, sendo, hoje uma importante zona industrial do estado de Minas.

No baixo São Francisco ainda que não tanto desenvolvido, há vários centros urbanos importantes, inclusive as capitais de 3 estados.

O ambiente social na bacia do alto e do baixo São Francisco, é pois, agradável e semelhante ao das regiões litorâneas do país.

Entretanto, no médio São Francisco tal não acontece.

Praticamente não há indústrias, predomina o sistema latifundiário com sua organização econômica e social característica.

Predominam 4 tipos sociais: o vaqueiro, o meeiro ou agregado, o ribeirinho e o barqueiro.

1 — O vaqueiro é o representante e sócio do fazendeiro que vive nas cidades, só aparecendo nas fazendas na época das chuvas.

De hábitos frugais, o vaqueiro passa o dia inteiro «vaquejando». Alimenta-se com os produtos de uma agricultura rudimentar, de que são encarregados a mulher e os filhos ou o próprio vaqueiro nas horas de lazer.

Seu habitat é a catinga, trabalhando por empreitada e recebendo do patrão 100 rézes e no fim de 4 anos ele obtém 25% do excesso sobre essas 100 rezes. Não raras vezes, devido à inclemência do tempo, que lhe nega as famosas chuvas de cajú, no fim de 4 anos não há lucro nenhum. O vaqueiro é, pois, um dos únicos tipos que trabalha com perspectivas de nenhuma remuneração. A sua única recompensa é o renome de que fica cercado graças às suas aventuras e o prazer que tem pelas vaquejadas. As demonstrações de sociabilidade, tão da feição dos aglomerados étnicos, expressões de seu gregarismo e comportamento como unidade, têm na vaquejada seus aspectos antropo-geográfico mais característico.

O homem não se liga à terra nem lhe dá valor, por isso pouco se preocupa pelas benfeitorias.

Tudo é construído do modo mais primitivo. A casa da fazenda, simples e pobre, apenas se anima e se enche de gente no inverno, época das chuvas (fevereiro-junho), quando o fazendeiro vem passar uma temporada na sua propriedade com a família, deixando as ocupações da cidade, às quais dedica normalmente o seu tempo.

Nesta época, então, é que realiza a vaquejada para a apartação das rézes. De toda a redondeza afluem vaqueiros trajando para o rodeador — lugar escolhido para o ajuntamento — onde as rézes das fazendas, criadas

nas extensas pastagens sem cercados nem divisões de espécie alguma, vivem misturadas.

A vaquejada é, na vida sempre igual e monótona dos vaqueiros, um acontecimento, uma festa.

Depois procede-se à «ferra» das novilhas e garrotes com a «marca» do fazendeiro e às vezes do município.

Nesta ocasião, então, é que o vaqueiro, administrador da fazenda, recebe o pagamento de seus serviços: de quatro ou cinco rézes que pertencem ao fazendeiro, uma terá a sua «marca». Assim, reunindo a sua «ponta» de gado, estes vaqueiros poderão se tornar futuramente donos de terras, criadores por sua vez. O vaqueiro é o senhor do sertão.

Vestido de couro, com sua inseparável montaria, percorre ele os campos conhecendo uma a uma as rézes confiadas a seus cuidados.

2 — O meeiro é o agricultor que vive num terreno pertencente ao fazendeiro, para quem trabalha dividindo os lucros. Encontra-se principalmente entre os agregados e cultiva durante todo o ano, dedica-se de preferência à lavoura e sua situação econômica ordinariamente é bastante precária.

Vive menos confortavelmente que o vaqueiro e sua habitação é sempre inferior à desse outro.

Seus utensílios de trabalho são a enxada e a foice. O arado só é conhecido nas fazendas experimentais de propriedade do governo.

A agricultura é rudimentar: derrubam-se as árvores, faz-se a queimada e, na primeira chuva, inicia-se a plantação, que é repetida todos os anos, até aparecer a planta «Sapé», que é indício de que a terra está cansada.

Faz-se, então, nova derrubada da mata e reinicia-se o ciclo. O jéque é seu grande auxiliar, não só como montaria mas também para o transporte de carga.

Se o sólo é o fundamento econômico de toda a sociedade, na estruturação do domínio fazendeiro, a utilização de um mesmo território contribuiu para criar, entre agregados e proprietários, uma solidariedade social apesar da diferença de sangue, de força e das desigualdades econômicas.

O próprio caráter da vida patriarcal que muitas vezes se encontra nas fazendas distan-

tes do interior, é um resultado da natureza da amizade que une agregados e patrões. Mas é fora de dúvida que, entre ambos, essa amizade cresce e se fortalece sob o denominador comum da terra dadiosa onde vivem juntos e trabalham.

A casa onde esses agregados vivem é de uma precariedade expantosa.

Essa precariedade, tanto se revela na massa das construções quanto na quantidade de peças existentes no alojamento; tanto no reduzido nº de portas e janelas quanto no baixo custo dos materiais de construção.

Este traço persistente na feição de todos a casas dos agregados, é um resultado do nível inferior de que esses trabalhadores fazem parte e das inseguras condições econômicas em que se debatem.

Do exposto se infere ser a casa do agregado muito mais geográfica do que resultante do progresso e da civilização.

Uma construção única, quase sempre, abriga tudo o que é necessário à vida.

Construir nesse ambiente geográfico — é ordinariamente um ato de confiança no futuro; como, para o agregado este é sempre incerto, a sua construção só poderá ser lógicamente, precária.

3 — O Ribeirinho ou Barranqueiro: é o outro tipo de agricultor.

E' independente do fazendeiro, mas vive tão ou mais miseravelmente que o meeiro.

Pratica a agricultura de vazante, utilizando-se, para isso, dos terrenos das margens do rio ou de suas ilhas.

São eles que sustentam as pequenas cidades com a sua produção; feijão, milho e um pouco de cana de açúcar são as suas principais culturas.

Próximo de Joazeiro aparecem algumas aboboreiras, aipim, algodão e cebola.

A pesca fornece outra parte do sustento do barranqueiro, pois é a maneira mais fácil de obter alimentos.

Vivendo ao redor de sua roça, o ribeirinho veste-se apenas de calça e camisa, ou melhor trapos dessas duas peças de vestuário. Suas mulheres usam vestidos escuros ou vermelhos e tão sujos como a roupa de seus maridos.

A instabilidade do leito do rio obriga-o geralmente a ter duas choupanas.

Essa é feita de uma armação de paus toscos, recoberta de barro ressequido e cujo teto é de palmas de carnaubeiras desfiadas.

Nos pontos em que falta a madeira, as portas, janelas e mobiliários são feitos de «mandacaru», cujo tronco fornece madeira branca e adequada.

O chão é duro e o teto é às vezes, coberto com cascas de árvores como a «barriguda». O interior comprehende pequena sala, quarto e cozinha.

Na sala alguns tamboretes, catre, gamela de madeira e alguns sacos de farinha. Ao fundo, na minúscula cozinha ficam o fogão de barro (raramente) e a almofada de bilro além de algumas panelas de barro. No quarto uma ou duas esteiras no chão ou ainda um gúan de galhos grossos e, às vezes, um pedaço de madeira como travesseiro.

Armários não existem, nem mesmo malas, pois a roupa é a que está no corpo e se existe outra muda, está sendo lavada na beira do rio.

4 — O Barqueiro ou remeiro: é aquele que vive dentro de um pequeno barco à vela, subindo e descendo o rio, de Pirapóra a Joazeiro.

A subida do rio é auxiliada pelos ventos, de modo que, normalmente, só as velas são suficientes para impulsionar o barco; a descida, entretanto, tem de ser feita com o auxílio do remo ou do varejão, devido à pequena declividade do rio.

O barqueiro munido de uma vara comprida em cuja extremidade inferior foi colocada uma ponta de metal, impulsiona o barco firmando o varejão ou zinga contra o leito do rio e empurrando pela outra extremidade, apoiada contra os músculos do peito faz o barco descer o rio.

Esse trabalho diário e continuado, deixa no peito do remeiro um calo que permite identificá-lo em seguida.

Toda a sua riquesa está naquela barca. Carrega todos os pertences, na embarcação, inclusive os animais domésticos.

A barca compõe-se de 3 partes: o quarto do barqueiro e de sua família, o depósito de carga e os bancos dos remadores. Estes dor-

mem ao relento, remam durante todo o dia e à noite param para repousar. Então, descem a terra fazem uma pequena fogueira onde cozinham os alimentos e ao redor da qual deitam-se para dormir.

Nesses poucos organizam cantorias, concorrendo assim para a riquesa do folclore da região.

A alimentação destes tipos, comuns no São Francisco consiste de peixe ou carne seca, feijão, farinha e rapaduras.

As combinações que fazem com esses poucos ingredientes são as mais variadas possíveis e a «jacuba» talvez seja a mais agradável ao homem do litoral. Estes são os tipos mais comuns nas margens do rio; para o interior entretanto, outros tipos sobressaem vejamos alguns deles:

5 — O Carreiro tem grande importância econômica, pois é o encarregado de levar a produção do local da colheita até o rio navegável mais próximo.

A absoluta falta de estradas em determinadas regiões da bacia do São Francisco condiciona o uso da carreta de bois e do lombo dos animais, capazes de dispensar a estrada.

Levados até a margem do rio, os produtos seguem os seus destinos conduzidos por canoas, barcos à vela ou paquetes.

Apesar das aparências em contrário, o carro de bois é um transporte econômico e eficiente, ainda que moroso.

Auxiliado pelo «guieiro» ou «candieiro», o carreiro passa o dia viajando, levando seus produtos para o porto mais próximo, ou levando mantimentos para a fazenda.

O guieiro, geralmente filho do carreiro, é encarregado de ir na frente das 2 ou 3 juntas de bois, escolhendo os melhores caminhos; marcha na frente e traz nas mãos uma pequena vara que é utilizada para dar a direção dos animais.

O carreiro viaja no carro de pé ou sentado e, com uma vara de ferrão, solicita maior vivacidade na andadura dos animais.

Fazem as refeições no caminho e dormem ao relento durante suas longas viagens. O interessante nessa profissão é que os carreiros fazem questão de ouvir a cantiga característica dos carros de bois chegam a construir pequenas peças de madeira dura para friccionar

os eixos e obter assim o ringido característico

6 — O Faiscador: é outro tipo humano habitante do vale do São Francisco, si bem que, com mais frequência, no seu curso superior, nos rios Paracatú e das Velhas.

Trabalhando na cata, do ouro diferencia-se do garimpeiro, orientado para extração diamantina.

Constituem o ouro, o eixo em torno do qual gira incessantemente toda a vida de pequenas povoações que, em pleno século XX fazem reviver condições de trabalho e de meio social em tudo semelhantes as das povoações do mesmo gênero, estabelecido há dois séculos, passados em pleno coração do Brasil.

Contribuindo em média, com 50% da produção aurífera total do país, a «faiscação», ou seja, a mineração representada pelos trabalhos rotineiros, dispensando aparelhagem mecânica e realizadas nos aluvões ou cabeças de filão, constitue efetivamente um dos mais importantes horizontes de trabalho para todos, aqueles que fascinados pelas perspectivas risonhas de enriquecimento fácil, buscam as mais longínquas paragens do Brasil com a esperança e a ambição de rápida melhoria de seu nível de vida.

Em geral, em seu trabalho anônimo, árduo e penoso o faisçador labuta o dia inteiro sob um sol inclemente, com uma fibra de lutador intímorato e incansável, na conquista cada vez mais difícil do próprio pão de cada dia.

Aos primeiros raios de sol já se encontra forte e bem disposto com sua cor bronzeada e seu enorme chapéu de palha, bateia em punho partindo em busca das faisqueiras onde levará os cascalhos, encherá a bateia de areia e pedregulho miúdo para obter, possivelmente, o ouro, após um batear incessante, nú da cintura para baixo, indiferente aos raios causticantes do sol e imune as baixas temperaturas das águas.

Como acontece com o garimpeiro, o faisçador é com frequência auxiliado pela mulher que corajosamente arrosta todas as dificuldades.

É um regime de trabalho de que todos podem participar.

O maior comércio de ouro é feito aos sábados ao cair da tarde, quando os faisçadores, vendendo o seu ouro e fazendo as suas com-

pras enchem o povoado de vida e atividade.

Brasileiros de todos os rincões se irmanam no mesmo regimem de trabalho e dota-dos de extraordinária capacidade de penetração os faiscadores de hoje, tal como seus antepassados, os faiscadores pioneiros do século XVIII, contribuem para o povoamento de regiões distantes ou inexploradas do nosso país.

Poderíamos citar ainda o generalista, o arrieiro (condutor dos cargueiros, tropeiros etc.) como tipos caracteristicos da população são franciscana.

IV — DISTRIBUIÇÃO DA PROPRIEDADE RURAL NA BACIA DO SÃO FRANCISCO

Por motivos didáticos veremos como se distribuem as propriedades nas três regiões, isto é, Alto, Médio e Baixo São Francisco.

a) ALTO SÃO FRANCISCO

A área das propriedades das regiões compreendidas nos municipios de Corinto, Curvelo, é superior a 400 hectares.

A pecuária é a principal atividade sendo que mais de 90% da área produtiva é de pastagens.

Tem uma população rural em média de 7 habitantes por Km quadrado.

A zona do divisor de aguas Rio Grande — São Francisco e nos altos vales do São Francisco e de seus afluentes: Paraopeba, Pará e na margem esquerda do rio das Velhas, é uma zona de pequenas propriedades com uma área média variando de 25 a 60 hectares. É a zona de povoamento antigo, desbravado na Sec. XVII, devido a descoberta das minas de ouro.

A agricultura foi em tempos passados sua principal atividade, dai possui uma área média de propriedades pequenas.

Apresenta mais de 10% da área produtiva em lavoura e mais de 80% da área produtiva em pastos.

É a zona abastecedora de Belo Horizonte — tanto em produtos agrícolas como pastoris graças a um bom sistema de comunicações.

No município de Belo Horizonte e nos seus vizinhos Santa Luzia e Lagoa Santa aparecem zonas de pequenas propriedades ligadas ao abastecimento da capital em frutos, legumes e verduras.

A área agrícola estende-se, com uma certa importância, nos municípios de Pedro Leopoldo, Pará de Minas, Divinópolis, Santo Antônio do Monte.

Os municípios do extremo Sul da bacia são franciscana, Caeté, Sabará, Congonhas do Campo, Conselheiro Lafaiete, Itabirito, etc... localizam-se na chamada zona metalúrgica e como tal apresentam grandes áreas médias de propriedade ligadas a existência das usinas

As companhias possuem nas proximidades do seu estabelecimento fazendas, onde se pratica o reflorestamento artificial ou natural destinado ao fornecimento do combustível. Menos de 50% da área dos municípios ai situados estão ocupados por fazendas ou sítios de exploração.

Os municípios que ficam na região chama da da Mata da Corda, tais como Patos, S. Gotardo, Carmo do Parnaíba, Rio Parnaíba, tem uma área média de propriedade de menos de 141 hectares.

A população rural é bastante elevada, apresentando a densidade média de 12 habitantes por Km².

A área média das pastagens é de 85% e da agricultura 6%.

b) MÉDIO SÃO FRANCISCO

No alto médio São Francisco e no vale do Verde Grande, seu afluente, a importância da agricultura é relativamente maior e decresce a importância da pecuária. A área média em pastagens é inferior a 70% e a área cultivada é superior a 6%.

Pertencem a esta zona os municípios de Coração de Jesus, Bocaiúva, Montes Claros, Brejo das Almas, Brasília, Januária, etc....

Pratica-se uma policultura de bastante importância econômica para a zona. Cultiva-se o milho, feijão, cana de açúcar, algodão e mamona.

Os processos agrícolas são atrasados enquanto a agricultura tomou algum incremento.

to devido ao afloramento do calcário Bam-bú, característico de solo fértil.

Os produtos têm mercado certo em Montes Claros que possui Estação da E. Ferro Central do Brasil — é o centralizador de todo o comércio da região. A navegação do São Francisco na jusante de Pirapora facilita a circulação de riquezas.

As propriedades são divididas apresentando uma área média inferior a 250 hectares.

Apresentam uma densidade de população relativamente grande. Alguns municípios como Januária, Montes Claros e Brasília, apresentam uma densidade média de mais de 10 habitantes por Km². Na zona do Paracatu-Uruauia, zona de chapadas recobertas por cerrados, limitada ao sul pela Mata da corda, estendendo-se ao norte até a Bahia pratica-se a criação extensiva do gado.

Cria-se o gado chamado «curraleiro» ou «pé duro», à solta, nos cerrados, sendo muito reduzidos os cuidados que se prestam ao gado.

Apresenta esta zona as maiores propriedades do médio São Francisco. Tem uma área média de 500 hectares.

A densidade média da população rural é de mais ou menos 3 habitantes por Km².

Apresenta 80% da área produtiva e pastagens de 1% de lavoura. Aparecem ainda no médio S. Francisco as fazendas de criação da margem direita do S. Francisco e que ficam numa região sujeita à seca. Estas fazendas estão localizadas às margens das numerosas lagoas existentes nessa região. Graças a estas lagoas a ocupação humana é dispersa tendo a sua atividade quase exclusivamente dirigida para criação do gado vacum.

O gado vive solto, não existe quase pastos cercados; não dão sal ao gado e este lambe o que existe na terra.

Alguns fazendeiros tem 300 cabeças de gado, outros 600, outros 800.

No sopé da chapada, como se observa no trecho Itaguaçú-Monte Alto, se observa roças de mandioca, algodão, milho e mamona. Pertencem a famílias menos abastadas a tendência é o desaparecimento da atividade agrícola pela pastoril. Esta região descrita pertence aos municípios de Monte Alto, Caitité, Lapa, Riacho de Santana, etc...

Na margem esquerda do S. Francisco no vale do Carinhanha e do Corrente, se desenvolve uma policultura intensa.

Planta-se cana de açúcar, mamona, algodão, arroz, etc.

Os vales inundáveis desses rios que são perenes salvam por uma agricultura de subsistência os povos ribeirinhos.

c) BAIXO SAO FRANCISCO

A parte do baixo São Francisco, entre Pernambuco e norte da Bahia, é uma região de contato com a caatinga. Aqui há criação extensiva de bovinos e caprinos. As propriedades são muito grandes e bastante desvalorizadas. Entretanto não têm grande número de rebanhos.

Devido à seca a população é dispersa no interior, entretanto, na zona ribeirinha, aparece população mais densa, em virtude da presença certa d'água.

Dai aparecer a agricultura não permanente ao longo do São Francisco: lavouras de vinte feita nos terraços inundáveis.

As propriedades ai são pequenas e atestam a disputa do solo e explicam o adensamento da população ai observada.

V — CIDADES

Já vimos que o alto e o baixo do rio são bem povoados. As suas cidades são assim, relativamente próximas umas das outras e sua população é razoável. Temos inclusive Belo Horizonte com 400.000 habitantes, as capitais de Alagoas e Sergipe são também cidades importantes do baixo São Francisco.

Entretanto, na bacia média, o mesmo não acontece. As cidades são muito distantes umas das outras e geralmente é muito pequena a sua população. As mais das vezes são cidades ribeirinhas, nascidas de um pequeno pouso das tropas ou das embarcações. Completamente desprovidas de conforto e saneamento, servem apenas como entreposto de troca de mercadorias. Pelo fato de serem conhecidas, vejamos algumas das principais cidades situadas entre Pirapora e Juazeiro:

Pirapora — é o caso típico de uma cidade cuja situação é devida a um obstáculo: a cachoeira de Pirapora.

Anteriormente à chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil a vida de Pirapora estava ligada estreitamente ao rio. Este era a grande artéria por onde circulava a sua reduzida vida econômica. Desta forma, a cidade se prolongava pela margem do rio, acompanhando a sua curvatura. Quando se tratou da construção da estação esta foi sistematicamente localizada, fora do antigo perímetro do núcleo, para assim livrar-se do perigo das inundações. A cidade se estende por uma vasta área até alcançar a estação. Neste novo trecho ela obedeceu a uma planificação urbanística mais moderna. Na época das cheias, as águas invadem grande parte da cidade e o único caminho emerso para o lado da terra é o percorrido pela estrada de ferro.

O viajante que não conhece o Nordeste, Pirapora apresenta um aspecto desolador. A iluminação elétrica é ruim e precária. Geralmente de dia não há energia elétrica, que é fornecida por duas companhias, uma termo-elétrica, outra hidro-elétrica, aproveitando o desnível da cachoeira de Pirapora. A cidade não tem calçamento. Não tem água encanada nem rede de esgoto.

As condições de embarque em seu pôrto são as mais precárias possíveis. O transporte fluvial, no momento é deficiente, de forma que as mercadorias se amontoam nos armazéns e barrancas do rio. Da barranca até o vapor as cargas são transportadas em carrocinhas. Uma vez chegando ao rio, como não há guindastes, o embarque é feito em cestas de homem. O trabalho é portanto moroso e cansativo.

Apesar de tudo Pirapora foi, e é até hoje um dos extremos do único elo de comunicação do Brasil Oriental com o Brasil Nordestino: o Rio São Francisco.

Bom Jesus da Lapa — Sua origem remonta dos fins do século XVIII, com a descoberta de uma gruta num monte calcáreo, por Francisco de Soledade, jovem português que cansado da vida boêmia de Salvador, convertera-se ao catolicismo, transformando a gruta em Santuário dedicado ao Bom Jesus.

Atualmente, atrai milhares de peregrinos de todo o Nordeste, transformando-se no que Euclides da Cunha chamou a Meca do Sertão.

Voltada para o santuário, dando as costas para o rio, a Lapa é uma pobre vila cuja população não vai além de cinco mil almas. A vida do lugarejo gravita em torno da romaria, ou melhor, em torno do romeiro. Nos quatro meses que dura a peregrinação, a cidade arranca melos para viver um ano inteiro. É uma cidade sem recursos; não tem água encanada. A água vem do S. Francisco transportada por jéguas para ser vendida nas residências.

O rio ainda presta o seu concurso dando margens a modestas culturas de vazante próximas a cidade, onde são cultivadas principalmente milho e feijão.

Carinhanha — Está localizada na margem esquerda do São Francisco, próxima a foz do rio Carinhanha, constituida sobre um alto barranco de uns oito metros.

Seu arruamento é regular com as suas casas típicas de pau a pique em adobe.

Seus produtos principais de exportação são: couros, algodão, milho, borracha de manga-beira. Serve de escoadouro das localidades da zonas dos chapadões.

Como indústria tem uma usina beneficiadora de arroz e outra de algodão.

Juazeiro — É a melhor cidade do vale médio, com características de cidade moderna, ruas calçadas, arborização bem feita, uma fonte luminosa. É daí que o litoral se põe em contato com o sertão, pela estrada de ferro que vem de São Salvador. Do outro lado fica Petrolina, muito menor que Juazeiro, porém progressista. Por Juazeiro e Petrolina se vai a Salvador, a Recife, a Fortaleza e a Teresina.

Correntina — É a 2.a das cidades da bacia do rio Corrente, localizada a margem direita do rio do mesmo nome, tem pouquíssimo progresso. Possuindo em suas proximidades uma das maiores e mais potentes fontes d'água, das bacias subsidiárias do S. Francisco, esta cidade está iluminada quer particular ou publicamente a querozene ou óleos diversos de procedência vegetal.

Santa Maria da Vitória — Principal centro da zona da grande chapada, escoadouro dos produtos da área calcárea da zona.

Existe ai um estaleiro que fabrica as famosas barcas do rio São Francisco, aproveitando a madeira das matas do rio Corrente.

Barreiros — E' o centro mais populoso do oeste sanfranciscano. Cidade antiga, tem passado por diversas fases sucessivas de progresso e decadência. Atualmente acha-se em boa situação de progresso.

Ponto final da linha de navegação fluvial do Rio Grande, ligada a viação do S. Francisco, Barreiras é o centro comercial não só do município como da região.

Todos os produtos manufaturados são importados por Barreiras constando sua exportação de charques, couros, peles, gado em pé, borracha de mangabeira e rapaduras.

Caitité — É importante cidade da região sudoeste da Bahia, muito bem construída com ruas calçadas, várias praças, tendo luz elétrica, cinema, etc.

Possui muitos edifícios bem construídos destacando-se a Escola Normal, o Observatório Meteorológico e a catedral.

Caitité foi durante muito tempo a primeira cidade do sertão, sendo um importante entroncamento rodoviário e o maior centro cultural da região.

Pôrto Novo — Pôrto importante de Sant'Ana dos Brejos. Quem desce o rio para o Pôrto Novo tem a atenção chamada para a existência das gigantescas rodas de madeira que aproveitando a velocidade das águas do rio elevam-nas em latas e despejam-nas em calhas que as conduz para irrigar os riquíssimos terrenos da margem. Próximos desta rocha é bem comum encontrar engenhos de rapadura e mandioca.

Poderíamos citar ainda, na bacia do médio São Francisco as seguintes cidades: Barra, Pilão, Arcado, Santa Fé, Remanso, Xique-Xique, Januaria, Manga e outras. Não citamos cidades da bacia do alto e do baixo São Francisco, devido a sua semelhança com as cidades do interior do Brasil.

VI — CULTURA

Os aspectos culturais de uma região podem ser apreciados por intermédio do exame dos números que pretendemos enquadrar nos itens seguintes: 1) Educação 2) Sociedade 3) Saúde 4) Civismo.

1) **Educação** — A bacia do São Francisco, ocupando uma área de 580757 Km², desenvolve-se em sua maior parte no estado da Bahia, cuja superfície é de 529.000 Km².

Como é na área baiana, onde o São Francisco apresenta as peculiaridades ecológicas determinantes do aspecto humano que se cognomina civilização sanfranciscana, é sob essa zona geo-sociológica que nos reportaremos, focando os dados estatísticos que dispomos. A população analfabeta da Bahia é de 2.500.000 e aparece nas estatísticas com 8,5% do total de analfabetos no país para uma população de 4.000.000 de baianos.

Se considerarmos que a Bahia representa 1/20 da unidade política, aquela marca é bastante desalentadora, apesar de militar em favor da Bahia seu aspecto geofísico particular e privilegiado de possuir extensa faixa litorânea, onde por séculos se tem detido a civilização.

As profissões liberais, o culto, ensino particular e a administração privada, com o contingente de 5.843 representantes, detêm 5% do cômputo nacional, expressão inferior aos coeficientes populacionais e de analfabetismo. Há a considerar que os índices acima incluem a faixa litorânea da Bahia, sem dúvida a região mais aquinhoadade em instrução.

Essa faixa de considerável extensão, trabalhada por baianos quinhentistas, desde o descobrimento sofre o influxo benéfico de civilizações alienígenas que se detiveram ante a chapada diamantina.

São com estas cores escuras no desalentador quadro nacional que comparece a bacia do São Francisco.

Verdade é que o problema sanfranciscano tem suas resoluções planificadas desde o século passado e tem sido objeto cada vez mais em evidência, dos programas governamentais.

A realidade de Paulo Afonso, o trato objetivo, por intermédio da Cia. Hidro Elétrica do

Vale do São Francisco dos problemas de navegação, irrigação e eletrificação, como elementos de recuperação de zonas castigadas pelas irregularidades climáticas, lançam esperanças de redenção deste vasto continente humano, relegado a papel secundário na economia nacional.

A disseminação das escolas técnicas rurais equipadas tecnicamente para o cumprimento de missão pioneira, levará a integração do sanfranciscano ao estande de vida apresentado pelos modernos núcleos demográficos, repetição da façanha das «boiadas», na vivificação da grande e promissora bacia.

O Brasil terá de ser obra de expressão política no dizer de Oliveira Viana, e em verdade enquanto não houver uma consciência educacional que mobilise os esforços particulares, criando o espírito de comunidade, célula do espírito nacional, aos governantes caberá, a execução do complexo arcabouço do país.

2) SOCIEDADE

O estudo sociológico de uma unidade populacional, ha de ser feito principalmente, nos seus elementos nucleares, componentes.

Se bem que o todo na sua ação poderá fugir de certas características individuais, entretanto o comportamento dos elementos formadores, são a sua poderosa fonte de inspiração.

O procedimento global, evidencia-se mais, sob a pressão de forças externas, quando desencadeiam-se as forças, e as ilhas passam a se comportar como arquipélago.

Esse fenômeno por vezes surge na história da bacia, sob pressões externas de conquistadores estrangeiros, fazendo com que naquela área seja localizado o epicentro do movimento criador do espírito de nacionalidade.

Por isso no estudo da sociedade sanfranciscana, nos detemos no comportamento dos tipos humanos e seu aspecto antropogeográfico. O estudo do gênero de vida, habitação e aspecto de vida em família, aspectos que foram focalizados, permitirão situar os habitantes do S. Francisco no panorama social. Existem 220 municípios no vale do S. Francisco, com uma população superior a 5.000.000 de habitantes,

conforme estimativas atuais, fora do censo em que temos calcado nosso trabalho. Esse aglomerado apresenta o seguinte e elucidativo aspecto social:

I — Religião:

	Brasil	Bacia	%
a — católicos romanos	39.177.880	3.875.460	10%
b — protestantes	1.074.857	30.382	2%
c — espiritas	463.400	5.879	1%
d — sem religião	87.330	1.797	2%
e outras religiões de menor expressão			

II — Defesa nacional e segurança pública:

172.212	5.386	3%
---------	-------	----

III — Serviços de atividades sociais:

899.774	95.207	10%
---------	--------	-----

Cabe aqui uma menção no título «Religião». Nos elementos estatísticos colhidos, a mulher ocupa posição de relevo sobre o homem. As conclusões deixo aos colegas estudiosos de sociologia, só me permito esta exclamação — Será lícito no regime patriarcal, este primado moral da mulher!

3) SAÚDE

Para melhor caracterizar esse aspecto, abordaremos 3 pontos: clima, saúde (o barranqueiro — hospitais) e alguns aspectos sanitários de Bom Jesus da Lapa.

CLIMA — A parte dos exageros dos que vêm só no clima a razão do retardado desenvolvimento de outros povos da terra, não há quem observe imparcialmente as relações entre o progresso do gênero humano e a localização dos diversos agrupamentos, sem sentir que a posição geográfica e o relevo exercem uma influência capital manifestada, principalmente, através das condições climatológicas.

Não é por obra do acaso que no hemisfério norte há grandes núcleos onde culminam as atividades científicas, agrícolas, industriais e sociais, justamente entre o trópico de Cancer e o Círculo polar ártico.

No hemisfério sul é nas latitudes superiores ao trópico de Capricórnio que desabrocham os melhores frutos do esforço humano.

Se as riquezas minerais e a qualidade do solo influem poderosamente na criação da paisagem cultural, elas não constituem, entretanto o fator exclusivo ou mesmo o mais influente.

Quando faltam outros elementos como um relevo favorável, um clima estimulante, qualidades raciais positivas, disponibilidade de fontes de energia mais nobres, mesmo as regiões mais ricas em minerais se mantêm num primitivo estado de civilização ou apresentam apenas um desenvolvimento de feição colonial, entravado pela ganância de povos politicamente fortes.

É muito significativo que das proximidades da linha tropical para o sul, no Brasil, numa área de cerca de 10% do território nacional se encontre um terço da população do País, metade da área em culturas, 62% da produção industrial e 55% dos operários brasileiros.

Assim é que com tendências «climatistas», inclinadas para a escola de «Huntington», relacionamos com o clima as deficiências fisiológicas do homem e o seu estado de desnutrição que o tornam abúlico ante o turismo desenfreado. Com o organismo aberto às doenças tropicais, sem os recursos modernos da ciência, sem assistência hospitalar e médica as populações são dizimadas no seu nascedouro só não desaparecendo em vista do alto coeficiente de reprodução.

SAÚDE — A saúde e saneamento contam-se entre os grandes problemas brasileiros.

A pior doença «na bacia» não é a malária. A sifilis, a tuberculose e a desinteria causam maior devastação. Também a difteria, o sarampo e o tracoma são muito generalizados.

A malária é periódica e ocorre sobretudo no tempo da vazante.

A falta de educação, de hábitos higiênicos e de facilidades materiais da população, local de insuficientes recursos não favorece um programa sanitário. O sistema de habitação sem fôrro e com piso de terra batida, põe o morador em contato direto com o solo e tempo. A falta de esgotos e de água canalizada e tratada, tornam a desinteria, o tifo e a difteria muito mais ativos.

A alimentação é outro grande problema. A população mais pobre que é a maioria vive sobretudo de carne seca, peixe, farinha de mandioca e feijão, e sem ser precisamente fadiga é má nutrita.

As causas principais da mortalidade de adultos são: a malária a tuberculose e a desinteria, sarampo e varíola. O número de nascimentos é grande e o de mortos também.

Há necessidades de médicos na bacia do São Francisco. Foram abertos créditos para atender as despesas para a construção dos hospitais Regionais de Pirapora, Januária, Lapa, Santa Maria da Vitória, Petrolina, Pão de Açúcar, Propriá e Hospital Eurico Dutra, da Fundação Antônio Geraldo e de Baneiras. **Barranqueiro** — Vivendo um quadro de violenta mutação das condições meteorológicas, pois em menos de um mês passa o rio da máxima enchente para o período de vazante, o barranqueiro que mora nas ribanceiras do São Francisco ainda enfrenta outros agentes agressivos.

Num quadro geográfico assim, vivendo num mundo de economia pobre e de lucros escassos, o «barranqueiro» inculto e sem recursos, traduz as condições do meio.

Dai em parte, a precariedade de sua habitação e a sobriedade de sua alimentação, aliás insuficiente sob o ponto de vista dietético; seu espírito de intranquilidade e insegurança; resignação em face do isolamento em que, há duzentos anos, tem permanecido na região; dai outrossim, sua ignorância e quase indiferença pelas coisas que se passam fora do seu meio. Por outro lado, mesmo nas estiagens, épocas de fartura, tem o «barranqueiro» sua capacidade de trabalho reduzida pela maleita, ressurgida no vale logo após a descida das águas.

Atacado pelo impaludismo, pela opilação, pelo bôcio, pelo mal de chagas, desnutrido, em seu aspecto exterior se reduz ao de um indolente vulgar, sem estímulo, para a luta da vida.

Todavia, nem todos os barranqueiros são assim tão pobres e de aspectos tristes e desanimados. Há os que vivem uma vida menos árdua, possuidores que são de terras e de melhor saúde.

Estes parecem viver mais felizes. Têm fisionomia mais franca, físico mais apurado, maior resistência e amor ao trabalho.

O integral Gal. José Pessoa propunha a criação de uma comissão de saneamento daquele populosso vale. O Instituto Osvaldo Cruz, já merecedor de gratidão nacional, possue credenciais para executar mais essa cruzada para a felicidade do Brasil. Na impossibilidade de ser feita pelo I.C.O. a humanitária Rockfeller bem poderia encarregar-se de mais essa nobre tarefa.

HOSPITAIS

A simples enunciação de existirem no Brasil apenas 2345 hospitais, revela o estado de abandono do patrimônio humano.

Para uma população de 50.000.000 habitantes, corresponde a 1 hospital para cada 20.000 habitantes.

Considerando, entretanto, a concentração dos nosocômios na região litorânea, onde também há a maior concentração demográfica, verifica-se que aquela asserção inicial é falaz ou exagerada.

Bom Jesus da Lapa, Mecca do Sertão —

Passamos a focalizar pontos de uma reportagem sobre Bom Jesus da Lapa. Apesar de ser cidade de vida «sui-gêneris» pois vive do espírito místico das multidões que lá ciclicamente se aglomeram, entretanto, é um atestado se bem que carregado nas cōres, da cultura do sanfranciscano.

Voltada para o Santuário, dando as costas para o Rio São Francisco, a Lapa é uma pobre vila, cuja população não vai além de cinco mil almas. A vida do lugarejo grava em torno da romaria, ou melhor, doromeiro.

Nos quatro meses que dura a peregrinação, a cidade arranca meios para viver um ano inteiro. Os recursos que ela oferece ao forasteiro entram, entretanto, em choque direto com a grandeza da festa religiosa.

Não tem água encanada, não tem um só hotel que possa ao menos ser tachado de regular, não tem boas pensões, não tem alimentos que possam satisfazer eficientemente a multidão que para lá ocorre. O que se

vê é um espetáculo deprimente. Gente morando em cavernas, gente amontoada debaixo de árvores, gente dormindo nas ruas, gente improvisando abrigos para passar a noite.

A água vem do Rio São Francisco e uma média de 200 jéguas trabalham incessantemente, de madrugada ao crepúsculo, transportando o líquido em corotes e vendendo-o aos romeiros, como também à própria população local.

A Prefeitura Municipal está de braços atados. Nada pode fazer. Não tem dinheiro para realizar coisa alguma.

Bastaria dizer que a sua renda no ano de 1956 foi de Cr\$ 1.750.569,80, incluindo as cotas federais a que tem direito. Mal dá para pagar o funcionalismo.

Nada sobra para melhoramentos públicos. O grande sonho do prefeito atual, que busca a sua consagração como administrador, é construir um novo cemitério para a cidade. É verdade que o Plano de Valorização do Vale do São Francisco (criado pelo grande Presidente Dutra) vem empregando, ali, seus esforços: construiu um hospital (que se encontra em reforma), pretende dar água à cidade, produzir eletricidade (a que a abastece, atualmente, funciona muito mal, só das 19 às 23 horas) e erguer um grupo de casas decentes para seus funcionários. Uma vez concluídas essas obras, melhorará, sem dúvida, a situação da Lapa. Mas, nem então, como muito menos agora, estarão elas em condições de receber o número de pessoas que freqüentam Bom Jesus nos meses de romaria.

AGUA — A água de que se serve o romeiro, e o habitante da Lapa, é uma água imunda. Trazida do Rio São Francisco da forma que já indicamos — é colhida num local onde se toma banho, onde se lava roupa ou caminhões, onde bebem os animais, onde são despejados restos de comida ou sujeira, onde se atira toda sorte de porcarias. É praticamente colhida do esgoto. Isto, além de ser elemento de infestação verminótica, também favorece o surgimento e a propagação do tifo. Durante a nossa estada na Lapa foram diagnosticados vários casos, inclusive a do filho de um médico da Comissão do Vale do São Francisco.

Um banho de cuias chega a custar Cr\$ 20,00 e a comida é cara. O aspecto das estalagens reflete a mentalidade sanitária dominante.

PROSTITUIÇÃO — Os aspectos das prostitutas e a sua moldura são eloquente atestando do descalabro sanitário em que chafurda a vila.

DOENÇAS VENÉREAS — Buscam a Lapa, nos meses de romaria muitas dezenas de prostitutas das mais variadas regiões nortistas. Tôdas foram examinadas pelos médicos do SUSAN, ou do DNERU ou do Hospital «Carmela Dutra», da Comissão do Vale do São Francisco, e tôdas, sem exceção, tinham pelo menos uma doença venérea.

ENDEMIAS — As garras de Satanás se fazem presentes nesta festa de Deus. Elas comandam no terreno sanitário. São verdadeiramente proibitivas e intoleráveis as condições de higiene que imperam na romaria. A tuberculose, as doenças venéreas, a lepra e o tracoma campeiam livre e impunemente, encontrando o meio ideal para a sua propagação. Sem alimentação adequada, sem alojamento, sem água, vivendo numa promiscuidade espantosa, sem recursos médicos, mergulhados vinte e quatro horas diárias numa nuvem de poeira, os que lá vão correm riscos incalculáveis de serem contagiados. Não se pode ocultar o esforço que o Ministério da Saúde vem desenvolvendo no sentido de minorar o problema.

Mas não há força que possa conter a avalanche de doenças que rondam ou moram na Lapa. Os médicos da Comissão de Valorização do Vale São Francisco, o Departamento Nacional de Endemias Rurais DNERU e, sobretudo, a abnegada e esplêndida equipe do Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas (SUSA), chefiada pelo Dr. Noel Nuttels e subcomandada pelo grande Dr. Miranda, lutam brava e desesperadamente para atenuar as nuances dramáticas desse quadro desolador.

Ainda agora o SUSA, auxiliado pelo DNERU, plantado em barracas armadas em praça pública, oferecendo gratuitamente todos os seus serviços (cujo custo ao Governo, por unidade, não vai além de Cr\$ 2,00), tra-

balhando de 25 de junho a 6 de agosto, atendeu 6.345 romeiros, radiografando-os, vacinando-os contra tuberculose, febre amarela e varíola, dando-lhes assistência dentária e fornecendo-lhes remédios. O balanço de suas pesquisas apresenta números que impressionam e constituem um grito de alarme. Vejamos: — Tuberculose — dos 6.225 indivíduos examinados pela abreugrafia, foram encontrados 122 casos positivos, o que representa 2% de doentes.

Isto quer dizer que, em cada 50 pessoas aglomeradas na romaria, uma é tuberculosa.

O que significa que lá a peste branca grassa em caráter epidêmico. Havia doentes de 48 municípios diferentes, provenientes de quatro Estados distintos. O maior contingente, porém, é fornecido pela própria Lapa, o que também quer dizer que a cidade se transformou num verdadeiro foco de irradiação da moléstia.

Tracoma — Das 6.400 pessoas examinadas, 1.385 eram portadoras da doença. Mais de 22%. Sabendo-se que o tracoma é extremamente contagioso, e que a poeira aumenta enormemente as possibilidades de penetração dos germens pela irritação que provoca nos olhos, e sabendo-se ainda que a poeira é constante na Lapa, caucule-se o perigo a que estão sujeitos todos os romeiros. O problema é agravado pelas péssimas condições de higiene existentes. O Santuário concorre também involuntariamente, para a contaminação dos romeiros. Existe na gruta um reservatório de água-benta, com a qual todo peregrino se persigna, passando ainda água na boca, nos olhos, no nariz, na orelha ou em qualquer órgão doente.

Lepra — Em face de uma denúncia formulada por um jornalista de São Paulo, o bispo da Barra D. João Muniz, solicitou do Serviço Nacional da Lepra a presença de um médico especializado, para constatar a procedência ou não da notícia veiculada e que dizia ser alarmante o número de leprosos na romaria. Encontrávamo-nos na Lapa, quando o médico reclamado chegou.

Chegou, deu uma volta de jipe na cidade e afirmou que havia examinado «de visu» todos os romeiros e só encontrara um caso

suspeito. Miraculoso é esse facultativo, que em menos de uma hora bateu seu super olho clínico em mais de vinte mil pessoas, esparzidas numa extensão de muitos quilômetros quadrados! Uma noite, percorrendo um parque de diversões em companhia do chefe da Caixa-Médica dos «Diários Associados» de São Paulo, Dr. Nelson Cayres de Brito, e observando, durante algum tempo somente o circo de cavalinhos que lá funcionava (na base do muque), encontramos três casos suspeitos. Um desses infelizes já estava com o nariz comido e vários dedos das mãos.

4 — CIVISMO

«O Sertanejo é, antes de tudo, um forte». Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

E' desgracioso, desengonçado, torto. Hércules e Quasimodo, refletem no aspecto a faldade típica dos fracos.

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendente do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização, combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias (adormecidas).

O homem transforma-se. Impertiga-se, estadeando novos reflexos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se lhe alta sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se lhes prestes numa descarga nervosa, instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e a figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente o aspecto dominador de uns titãs acobreados e potentes, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo momento em todos os pormenores da vida sertaneja. Caracterizado sempre pela intercadência impressionadora, entre extremos impulsos e apatias longas.

Eis a magistral síntese antropológica de Euclides da Cunha. Se por um lado o quadro ecológico, poderia servir de perfeita moldura a uma coletividade desfibrada, por outro, é o que realmente sucede, a adversidade forjou uma raça de gigantes, estruturada no telurismo absorvido da terra estorricada, dos rios fugazes e da vegetação agressiva.

Forjados na adversidade, dela sabem retirar as forças indômitas capazes de enfrentar as hostilidades.

Assim foi, por ocasião das tentativas de fixação de francês e holandeses.

Não bastaram trinta anos de domínio de uma raça experimentada, extratificada, para sopitar os sentimentos de amor ao solo e tradições nascentes.

Desde que tocados por agentes estimuladores, mobilizados por fatores múltiplos como em Canudos, ou sob a agressividade de ádvenas, metamorfosearam-se em gigantes, os secos e desengonçados caboclos.

Produto de amalgama de raças heterogêneas, lançadas no «meetingpot» americano, para viverem em condições sociais totalmente diversas, sofrem o resultado dessas forças dispare os vícios e virtudes carreados para o novo «habitat» acrescidos dos adquiridos no novo gênero de vida que lhes impuseram.

A preia do índio e a escravatura do negro, inquinaram essas etnias dos hábitos, adquiridos para a sobrevivência.

Dos elementos formadores da raça; os mestiços retiraram as qualidades morais que solicitadas atendem aos reclamos compensando sobejamente a pobreza antropológica. O sentimentalismo do negro e sua afetividade; a sagacidade do índio e a persistência do branco, forneceram as forças necessárias as duras emprêsas enfrentadas pelos caboclos sanfranciscanos.

E' com essas características que comparecem os sanfranciscanos nas jornadas cívicas a que são atraídos. Insulados na sua moldura geográfica, separados da civilização litorânia que sofre a constante desfiguração produzida pelo seu constante contato com a civilização adiantada e longinqua, o sanfranciscano permanece estanque às conquistas da

civilização.

Nesse quadro imenso, os núcleos populacionais escassos de recursos econômicos e de proteção aproximam-se e se enlaçam sob impulsos de necessidades a fins formando a sociedade regional de uniforme comportamento cívico.

O sentimento nacional chega a tomar um caráter religioso, quase fanático de idolatria, de sacrifício, e de imolação, sob a pressão de agressões externas ou de invasão do território. Aqui como em todos os países se opõem a atmosfera inquieta e brilhante das grandes cidades e o ambiente tranquilo e repousante das cidades provincianas. A simplicidade rústica, a reserva e o espírito tradicionalista dos grupos sociais que vivem isolados nas montanhas ou separados pelas distâncias, e se mantém, por isto mais fechados e homogêneos e a acessibilidade às idéias novas, a tendência ao progresso, ao gosto pela aventura e a avidade de lucro das grandes cidades, de composição heterogênea e cosmopolita.

Sendo assim as conquistas do progresso, que estão sendo paulatinamente introduzidas na bacia, resultado de planejamento antigo, encontram já uma sociedade estruturada sem perigo de desfiguramento.

As obras e atividades atuais para a valorização da bacia, entregará aquela reserva antropo-geográfica, escudada no Chapadão Diamantino, novos elementos de defesa e de ação para atender aos reclamos nacionais, com aquelle civismo incomparável que immortalizou sanfranciscanos, como Felipe Camarão, André Vidal de Negreiros e Henrique Dias.

VII — O EXODO DOS NORDESTINOS

O êxodo do habitante do nordeste, principalmente o compreendido entre os limites do «polígono das secas» é um fenômeno social de fundo tipicamente econômico.

O nordestino é um homem apegado à terra em que nasceu, pela qual vive e de onde procura tirar o necessário à sua subsistência, o que nem sempre é possível, dado a inclemência do clima em certas épocas, que transforma aquelas heróicas paragens em

verdadeiras fornalhas, onde nem mesmo pequenos aguaceiros caem para abrandar o sofrimento de homens e animais. Com efeito, as secas periódicas que assolam o nordeste, obrigam seus habitantes a emigrarem para outros Estados, evitando, assim, sua destruição pela fome e pela miséria, bem assim como também de seus familiares.

Sol abrasador, terra esturricada, rios secos, toda espécie de plantas queimadas, lavouras completamente destruídas, criação morrendo de sede e de fome pelo sertão agreste, onde a canícula é simplesmente insuportável, nada mais resta aos homens do que fugir para o sul em busca de melhores dias e de melhores oportunidades.

Ei-los amontoados em infectos caminhões, viajando para o sul, formando os hoje, tão nossos conhecidos «Paus de Arara», nas tardes poeirentas da Rio-Baia, procurando o Eldorado paulista ou o Paraná. Aqui como trabalhadores agrícolas, ajudantes de caminhões ou colhedores de café vão trabalhando de dia enquanto suas calejadas mãos manejam os instrumentos de trabalho, o seu espírito está voltado para a Baía ou para o Ceará, lugares para onde regressarão tão logo as primeiras chuvas irriguem aquelas terras abrasadas.

Ei-los de volta à terra natal, de onde sómente sairão quando sobrevier outra seca. Mas, como disse o grande escritor Monteiro Lobato, sómente o homem forte tem coragem e energia para emigrar.

E o nordestino, antes de mais nada, é um forte em tremenda luta contra a adversidade.

VIII — TRANSPORTES

O São Francisco é um rio tipicamente de planalto. A cachoeira divide este curso de água em duas secções: o alto e o baixo São Francisco. A primeira secção, navegável de Pirapora, em Minas Gerais, ponto terminal da Estrada de Ferro Central do Brasil e ponto inicial da navegação, até Jatobá, em Pernambuco. Daí, até Piranhas, há um hiato, ocupado pelas cachoeiras de Itaparica e Paulo Afonso. Torna-se novamente navegá-

vel dêste ponto, em Alagoas, até a sua foz.

Foi o rio São Francisco linha de penetração ao nosso interior. Por ele passaram as primeiras bandeiras que iam à procura de pedras preciosas e ouro. Apresenta-se numa extensão navegável de cerca de 1.800 quilômetros. Alguns de seus afluentes são também navegáveis: o Paracatú, o Corrente, o Grande e seu afluente, o Prêto. Outros, como o das Velhas, são navegáveis durante a época das cheias, em determinados trechos.

A navegação a vapor, iniciada em 1865, desenvolveu-se agora rapidamente. Várias são as companhias de navegação, existindo, em serviço ativo, dezenas de vapores. Existe também o tráfego fluvial, à vela e à varas.

As linhas de navegação do Médio São Francisco são propriedade de quatro companhias, sendo duas estaduais e duas particulares.

Entre 1940 e 1950, a média anual de movimento de carga foi de 40.000 toneladas, no rio São Francisco. Considera-se como o mínimo capaz de justificar a existência econômica de um sistema de transportes no rio, a média anual de 100.000 toneladas, o que nos mostra quão deficiente é o sistema atual.

a) TRANSPORTE FLUVIAL

Tem o rio São Francisco um grande significado, por ser um rio de interior navegável e longitudinal, num país de precárias vias de transporte inter-regionais, por isso, precisa dele de uma conservação como qualquer estrada de ferro ou de rodagem, e também de ampliação e modernização de suas frotas, bem como racionalizar o tráfego fluvial.

Pretende a C.V.S.F. desenvolver um eficaz programa de serviços que visem ao melhoramento das condições de navegabilidade do Médio São Francisco — tais como balisamento, dragagens, derrocamento, limpeza do leito e margens, afora as obras complementares ou de restauração das barragens eclipsada do Sobradinho — e ainda enfrentar o problema da desobstrução da barra do São Francisco.

Essa mesma companhia pretende, finalmente, concluir as obras de proteção e acostamento em curso, nos portos de Pirapora, Lapa, Petrolina, Propriá, Penedo e Piaçabussu.

b) TRANSPORTES TERRESTRES

Ainda é muito pobre a Bacia do São Francisco quanto aos transportes terrestres, pois dispõe ela de poucos e inadequados meios; há estradas na parte norte das Quedas, mas as melhores estradas se encontram aí nessa mesma região.

Foram construídas essas estradas pelo Departamento Federal de Obras contra as Secas e pelo Exército. Apesar de serem estradas de terra batida, podem ser usadas em qualquer tempo, como, por exemplo, a estrada principal leste-oeste, a transnordestina, que hoje pode ser alcançada por Petrolina.

Utilizam-se também as estradas de penetração, que saem de Pirapora e Juazeiro para o oeste e de Remanso para o norte e nordeste. De Belém ao sul da região das Quedas, uma estrada sai também para sudeste. As estradas de penetração para o oeste e o sistema rio Grande-Prêto e Corrente não só interessam ao Vale, mas também são importantes saídas da zona central de Goiás e do sul do Piauí.

As ferrovias do Médio São Francisco servem principalmente de ligação entre algumas cidades da região com centros industriais mais povoados do sul e leste e com os portos do Atlântico. Dois ramos da E. F. Central do Brasil ligam Montes Claros e Pirapora a Belo Horizonte e pontos além; a Viação Férrea Federal Leste Brasileiro liga Juazeiro a Salvador; a E. F. Teresina-Petrolina liga Petrolina a Paulista, no Piauí, e a E. F. Paulo-Afonso, sob a administração da Great Western, serve de comunicação contornando as quedas entre Itaparica e Marechal Floriano.

Há também uma ferrovia que, partindo de Palmeiras dos Índios até Pôrto-Real de Colégio, vai ligar com a ferrovia de Sergipe, em Propriá.

O número de vapores, ferrovias e veículos motorizados não é suficiente, apesar de haver um número relativamente favorável. A intercomunicação local é propriamente efectuada pela tropa, pelos carros de boi, pelos paquetes e pelas canoas.

O jumento é muito importante, presta ótimos serviços em toda a região da Bacia do São Francisco.

c) TRANSPORTE AÉREO

Nos últimos anos o transporte aéreo tem-se desenvolvido intensamente no vale do São Francisco. A construção de campos de pouso, a própria C.V.S.F. tem feito todo o possível nesse sentido. Diversas linhas aéreas já se estenderam na região: a Pan American Airways, com sua linha comercial, faz escala no vale; o Correio Aéreo Nacional, porém, só carrega malas postais para Pirapora, Januária, Carinhanha, Bom Jesus da Lapa, Xique-Xique e Petrolina.

IX — FOLCLORE

Quando os vaqueiros se reúnem em suas festas ou vaquejadas, aproveitam-se da oportunidade para dar vasa aos seus sentimentos, contando ou declamando em público belas e preciosas estrofes. O poeta sertanejo deu através dos versos, um cunho impressionante de compreensão sobre o injusto desnível que existe entre o trabalhador da cidade, amparado pelas leis, e o trabalhador rural, sem nenhuma prerrogativa. Começam, assim, os vaqueiros a ter melhor noção deste estado de coisas, que o coloca como verdadeiro marginal de uma época.

Começam a entender que existe um governo e que as leis e decretos deverão ser distribuídos com equidade. Infelizmente, dando a sua pouca cultura, é provável que estes humildes, mas heróicos trabalhadores não consigam, tão cedo, ver satisfeitas suas necessidades e reivindicações e por muito tempo ainda suas vozes se perderão pelo espaço imenso e crestado das caatingas sertanejas.

Entre outros, eis alguns de seus versos:
**Despois que as leis do trabalho
 Deram dois dia de impaio
 Um de forga a cada quem
 Os governo brasileiro
 S'esquecer dos vaquero
 Que são fios de Deus, também.**

**Dero ao trabalho da cidade
 Segureza, livridade
 E ganho dentro da lei
 P'ros home bruto do mato
 Sem gruavata e sem sapato
 Nenhuma vantage veio.**

**Mais cumo nósis num guverna
 O consolo tá nas perna
 P'rá barcá o segurão
 Sarta nas vista do povo
 Cai, amuntá de novo
 In riba dum alazão.**

X — A RELIGIÃO DO SERTANEJO

A população sertaneja é fundamentalmente católica. A assistência espiritual nos sertões tem sido insuficiente, de sorte que a pureza dos princípios católicos nas classes baixas se desnatura bastante, de um lado por superstições, de outro por certa variação da moral de acordo com as condições gerais da cultura.

A religião sertaneja não obriga à freqüência dominical nas igrejas nem a intima colaboração entre os Padres e os fiéis simplesmente por ser isto impossível naquelas desertos. No entanto, há certas cerimônias que obrigam todo caboclo católico — é uma religião triangular definida pelo batismo, casamento e extrema-unção. Uma vez que se realize cada um destes pontos importantes, pouco importa se a vida vai por caminho reto ou sinuoso, por picadas ou estradas reais.

Há muitas práticas supersticiosas na religião sertaneja: a chave do sacrário é um santo remédio contra a hidrofobia; há simpatias e benzeduras; as roças são benzidas contra gafanhotos.

Compreende-se o prestígio das três cerimônias: do batismo, do casamento, da extrema-unção. Pagão é uma ofensa quase tão grave como judeu, assassino de Nosso Senhor. Quanto mais cedo se limpa a mancha original; melhor. Isso porque um pagão jamais entrará no céu e a alma dos meninos que morrem sem batismo aparece chorando, na hora da meia noite, assombrando as pessoas.

A hora final é sempre solene para o sertanejo. Não há outro remédio como aceitar, como definitivamente válido o ceremonial dos que ajudam o semelhante a morrer. Ajudar a morrer também exige conhecimentos especiais, palavras e atos equivalentes a um verdadeiro ritual, em que a vela deve ser posta na mão do moribundo para alumiar o caminho escuro da morte.

Os cantores relatam que os cangaceiros pedem misericórdia — que os deixem viver um pouco mais, não por medo, mas para que possam confessar os seus pecados. Nem sempre é verdade, visto que os cangaceiros não são herejes.

O cangaceiro vai ter, um dia, ao local onde assassinara um velhinho e este lhe aparece em forma de assombração apavorando-o, mas o cangaceiro se ajoelha, reza um Creio em Deus Pai e se ergue de alma leve, perdoado de seus crimes, readquirindo quase a inocência.

Não é possível chamar a isto de catolicismo, tais são as deformações e acréscimos que sofreu a religião pregada pelos sacerdotes. Estes, aliás, não primam por uma ação constante junto dos fiéis, e, muitas vezes, são estrangeiros, incapazes de compreender aquelas almas rústicas por demais, ou esmorecem no fervor apostólico ante a pressão do meio. Não é qualquer um que pode ser padre num ambiente de miséria. O mais comum é que o Padré se limite a satisfazer a tríplice premência dos caboclos batizando, casando, ungindo.

O sertanejo, desprovido de assistência espiritual, introduz na fé o seu fatalismo e torna a Providência indulgente para com as faltas que a sua moral aceita, como homicídio, para, em troca, levar em demasiada conta pecados de menor gravidade.

Euclides da Cunha mostra-se injusto ao criticar a ação dos poucos membros da Igreja que palmilham os sertões, principalmente a ação dos missionários. O trabalho da catequese há de ser gradual; o pregador não pode usar uma linguagem inacessível à mentalidade de seus ouvintes.

Obedientes aos ditames de uma razão pouco esclarecida, sempre que se trata de assuntos cuja natureza transcende os limites do material, o homem do sertão refugia-se na superstição. Isto explica o medo que o sertanejo tem das almas do outro mundo e também a série de atos que pratica durante a Semana Santa. Por esta época, a família do vaqueiro vai à noite pelas estradas e se põe a gritar e a chorar. Envoltos em lençóis, os homens simulam doentes. Alguns chegam a se martirizar, cortando-se com cacos de vidro. Nos povoados estes lamentadores reúnem-se e dirigem-se ao cemitério, onde rezam e cantam até a meia noite ou até o primeiro sinal do galo. — «Um Pai Nossa para as almas dos que morreram afogados!». E a turba se ajoelha e prorroga num rezar alto, entremeado dos soluços e ás de parentes dos mortos.

Tudo, porém, perde a significação ante a fé, o amor e a veneração imensurável que o Bom Jesus da Lapa desperta no vaqueiro.

A religião das populações são-franciscanas consubstancia-se na devoção ao Bom Jesus da Lapa, cuja imagem está em uma gruta calcária à margem do rio, e ao Bom Jesus do Matozinho, venerado, em seu templo de Congonhas do Campo. O segundo tem seus devotos nas terras altas de Minas, ao passo que o primeiro domina o médio vale.

Anualmente têm lugar grandes peregrinações às duas localidades. Acorrem dos pontos mais remotos milhares de pessoas, algumas sob o pretexto de devoção entregam-se às diversões as mais profanas, prisa fácil de exploradores. A romaria produz aglomerações extravagantes em que se infiltram jogadores e outros maus elementos, causadores de desordens ao mesmo tempo que os devotos levam suas oferendas, fazem súplicas e promessas, esperam graças e pagam as obtidas.

O Bom Jesus da Lapa é meta, é o marco além do qual a devoção do sertanejo não transita. Não mesmo esse que, vivendo às margens do São Francisco, deixa de ir, pelo menos uma vez à cidade da Lapa para orar aos pés do Bom Jesus.

O vaqueiro não falta aos festejos da Lapa; é essa a sua festa máxima e ele não mede sacrifícios para chegar à Santa Imagem do Bom Jesus.

Esses sertanejos devem ser mesmo filhos do Bom Jesus, pois a fé os anima, fá-los dignos do maior respeito que jamais se pode tributar aos homens.

O rio São Francisco como meio de transporte

O Rio São Francisco como meio de transporte, é um problema de interesse nacional, tanto que foi incluído no plano geral de viação nacional.

Para normalizar o canal navegável, é necessário regular o regime do rio, pois as águas que sobram nas cheias, faltam na estiagem.

Não é um rio inteiramente navegável, mas bastante navegado, pois suas partes navegáveis são muito bem aproveitadas devido a deficiência das ferrovias. É utilizado tanto para o transporte de passageiros, como de mercadorias.

O alto São Francisco até Pirapora é muito encachoeirado, por isto não é muito navegado.

No médio S. Francisco a navegação é extensa, começando em Pirapora até pouco além de Juazeiro, onde está situada a cachoeira de Paulo Afonso. A extensão navegável é de 1.370 kms.

Na época de estiagem, nos pontos mais críticos, a profundidade mínima é de 0,60 à 1,20 m. É objetivo dar a esta extensão uma profundidade mínima de 1,50 ms., o que permitiria substituir a roda pela hélice, e consequentemente, a máquina a vapor por motores Diesel, permitindo o tráfego de navios de 500 toneladas.

Nos afluentes do médio São Francisco, a navegação é feita em linhas regulares nos rios Paracatú, Corrente, e Grande com seu afluente o rio Preto. Os rios Urucuia, Carihanha, Verde e Velhas, possuem trechos navegáveis, embora sem linhas regulares.

O baixo São Francisco tem uma pequena extensão navegável, com menos de 300 km. Como está isolado dos demais trechos navegáveis, sua importância como via de transporte é muito limitada.

É navegado da foz à região de Remanso, onde foi construída uma clausa destinada a extender a navegação. Ao lado da clausa foi construída uma represa, que regulariza o nível do rio, controlando a água na época das cheias.

O grande problema do baixo São Francisco é a praticabilidade de sua barra, empreendimento dispendioso cuja execução está ligada ao escoamento de matérias primas ou manufaturas, que a energia de Paulo Afonso criar e forçar a saída pelo mar.

Segundo o Ministério da Agricultura — Departamento Nacional da Produção Mineral, Divisão de Águas, é a seguinte a Rede Navegável do São Francisco:

Superior	467 kms.
Médio	1.751 kms.
Inferior	238 kms.
TOTAL	2.456 kms.
Afluentes	3.498 kms.
TOTAL	5.954 kms.

Os principais portos do São Francisco são: Pirapora, Januária, e Juazeiro.

Nas cheias a navegação é fácil, exceto nos rápidos de Sobradinho. Durante as cheias normais o rio pode mudar seu canal principal, dando sérias preocupações aos pilotos, que navegam por tentativas.

As corredeiras, bancos de areia e cascalho, os recifes e as pedras submersas são obstáculos e perigos que ameaçam a navegação, devido a frequente mudança nas cheias.

A navegação apareceu em 1865 e não foi abandonada. Os vapores na maioria apresentam rodas na popa, só os mais antigos têm rodas laterais.

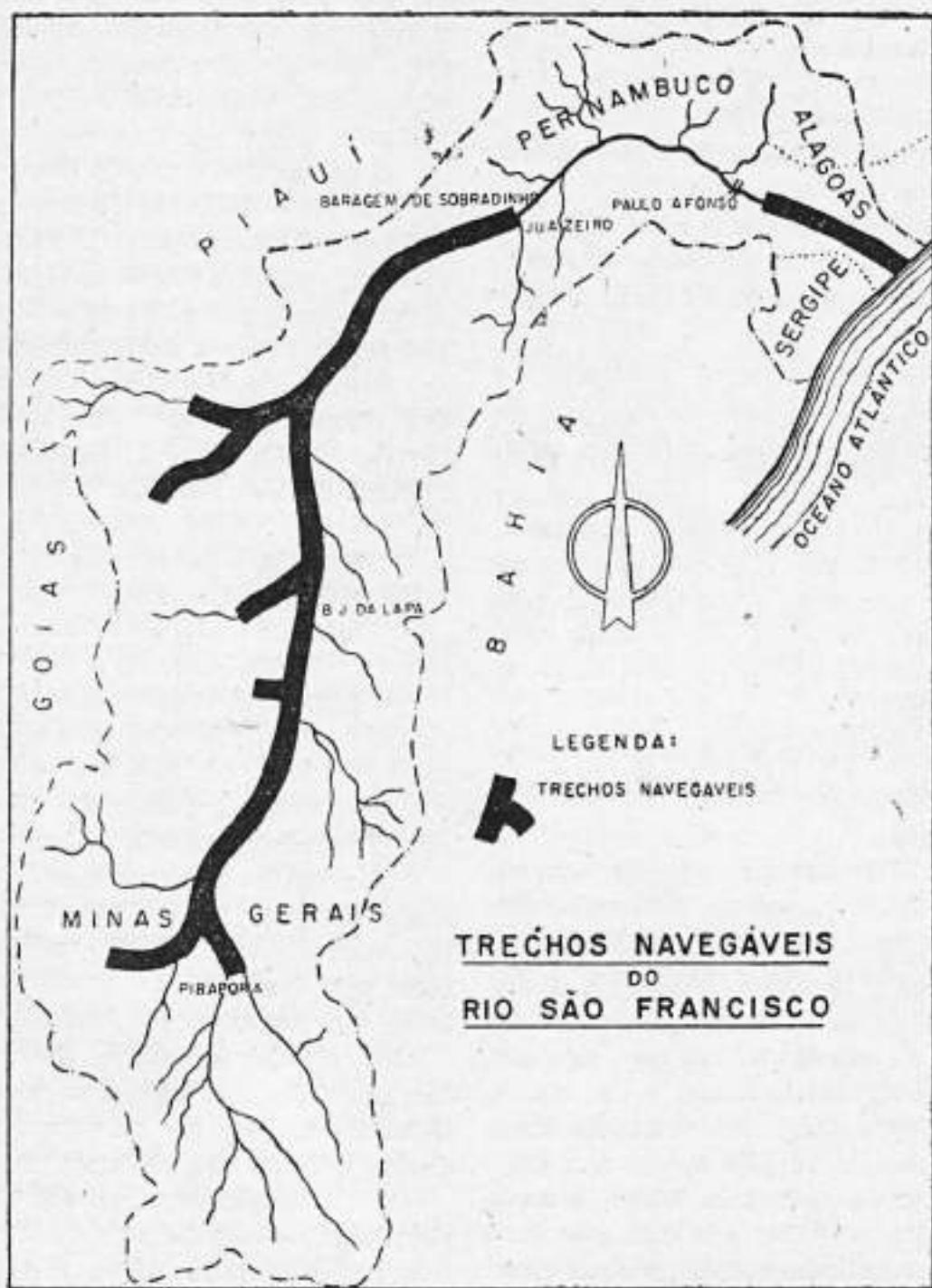
Existe mais de duas dezenas de vapores em navegação quase permanente. O reboque de barcas aumenta a capacidade de transporte.

Mesmo com a navegação a vapor, subsiste o tráfego fluvial a vela e a vara, principalmente nas barcas.

Acima de Paulo Afonso vão barcas de calado reduzido, mais ou menos longas e bojudas. Em algumas o calado não vai a mais de 1,30 metros, mas pode levar 30 toneladas.

No baixo rio as barcas tem maiores dimensões e maior calado.

Cabe às barcas o transporte da maior parte dos artigos de exportação, e na volta sobem o rio com artigos de primeira necessidade, principalmente o sal. Em geral os proprietários das embarcações operam mais por conta própria do que a frete, vendem suas mercadorias, e compram outras de produção local.



O atraso na entrega das mercadorias importadas, é devido à irregularidade nos transportes.

A época das cheias é de grandes importações; durante a seca o movimento das mercadorias decresce, pois neste período os barcos têm sua capacidade limitada.

Por esse mesmo motivo, os barcos maiores como o Raul Soares, o Juraci Magalhães e o Halfeld, trabalham em média, apenas 5 meses por ano.

E' necessário abandonar a lenha como combustível, e substitui-la pelo óleo. E' preciso modernizar e padronizar o tráfego fluvial do São Francisco, pois os navios são impróprios para a navegação.

Os vapores com fundo chato e roda traseira, muito usados atualmente, não são apropriados, pois calam muito, e encalham freqüentemente, atrasando e encarecendo a viagem.

Estes barcos estão sempre atulhados, levando cargas, animais e passageiros.

Os passageiros de 2a. classe, sobretudo imigrantes, viajam apertados no tombadilho inferior, perto das caldeiras, e não têm acomodações suficientes para uma viagem longa.

Pequenas canoas construídas dum só tronco, são vistas em grande número no São Francisco e nos seus afluentes, principalmente perto dos portos principais e próximo às culturas de vazante. São muito usadas para transportar vegetais e outros produtos rurais para os mercados vizinhos. Para levar animais e outras mercadorias duma margem para outra, juntam duas ou mais canoas e formam um ajoujo.

As barcas cobertas em geral carregam passageiros, enquanto que as barcas abertas carregam só cargas.

O transporte fluvial apresenta uma economia estática, com o movimento médio anual de 40.000 toneladas de carga.

O RIO SAO FRANCISCO COMO FONTE DE ENERGIA

1. Potencial de energia.

- a) Cachoeira das Três Marias
- b) Cachoeira do Borrachudo

- c) Cachoeira Grande
- 2. História dos trabalhos realizados para o aproveitamento da energia.
- 3. Linhas de transmissão.

1. POTENCIAL DE ENERGIA .

Sendo o Rio S. Francisco, um rio tipicamente de planalto apresenta pela existência de suas numerosas cachoeiras, um potencial imenso de energia.

O S. Francisco está dividido pela cachoeira de Paulo Afonso em duas grandes secções: o alto e o baixo S. Francisco, que estão ligados entre si pela estrada de ferro (de Jatauba a Marechal Floriano) que é exatamente a secção encachoeirada.

As cachoeiras formadas por este grande rio são: a cachoeira da Casca d'Anta com 20 metros de altura, pouco distante de sua cabeceira. As duas mais altas são a de Itaparica com 17 metros, entre Pernambuco e Baía e a de Paulo Afonso, entre Baía e Alagoas.

Além dessas há a de Pirapora, com 3,50 metros, a de Sobradinho com 2,09 metros e a do Genipapo, entre a Baía e Pernambuco. Veado, Ventura, Vai-vem, Riachofundo, Camarão, Caninde Velho.

Dos estudos feitos em cachoeiras concluimos que é extraordinário o potencial hidro-elétrico do Rio São Francisco.

a) CACHOEIRA DAS TRES MARIAS:

Apresenta-se esta num acidente situado em elevação de 485 metros, cerca de 66 Kms. a jusante da barra do Rio Paraopeba.

A topografia favorável do local escolhido para uma barragem permite a formação de amplo reservatório que elevará o nível normal das águas até 535 metros extendendo-se rio a montante, com 122 kms. de desenvolvimento aproximado. Uma barragem de terra na margem direita permite a acumulação de um volume de 119 Km³ destinados a fins de navegação, produção de energia elétrica e contingência para os casos de enchentes.

As turbinas do tipo de Francis, de eixo vertical, destinadas a operarem sob uma queda

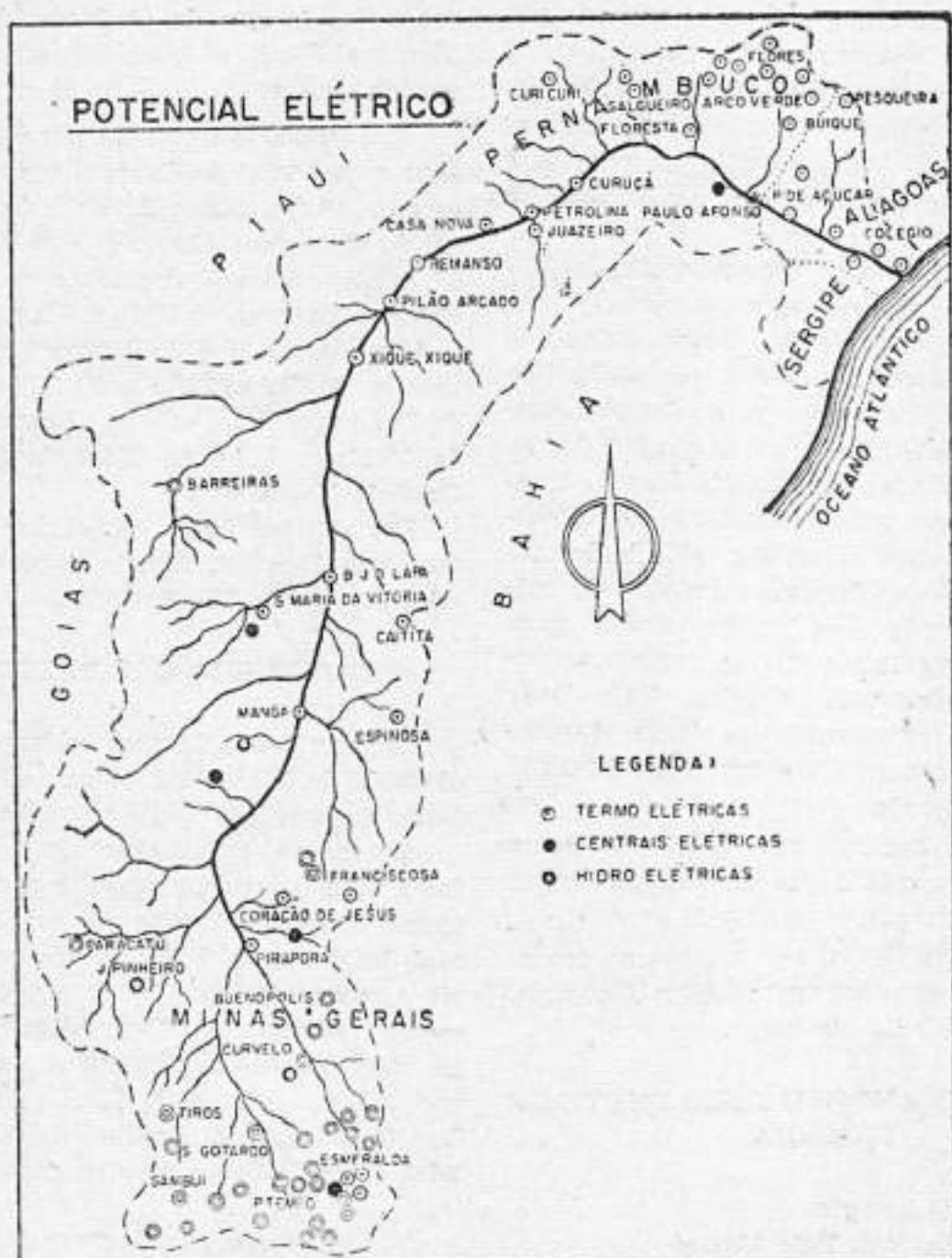
crítica de 55 metros apresentam cada uma a potência nominal de 50.000 HP (Cavalos vapor).

b) CACHOEIRA DO BORRACHUDO

Localiza-se a 22,5 Km da cachoeira das Três Marias. Os atuais resultados de investigações ainda incompletas, mostram que o local apresenta boas condições topográficas para um represamento de grandes proporções. O represamento segundo o projeto dará um des-

nível artificial de 65 metros constituindo um amplo reservatório de 14,64 biliões de metros cúbicos que em grande parte serão destinados à produção de energia elétrica.

A capacidade com vistas de produção da energia elétrica, permite utilizar uma potência contínua de 275.000 KW., podendo ser instaladas máquinas com 750.000 cavalos vapor, resultando uma geração anual estimada na ordem de 2.100 GWh, energia correspondente a uma vez e meia o total fornecido pelo sistema elétrico da Light do Rio de Janeiro.

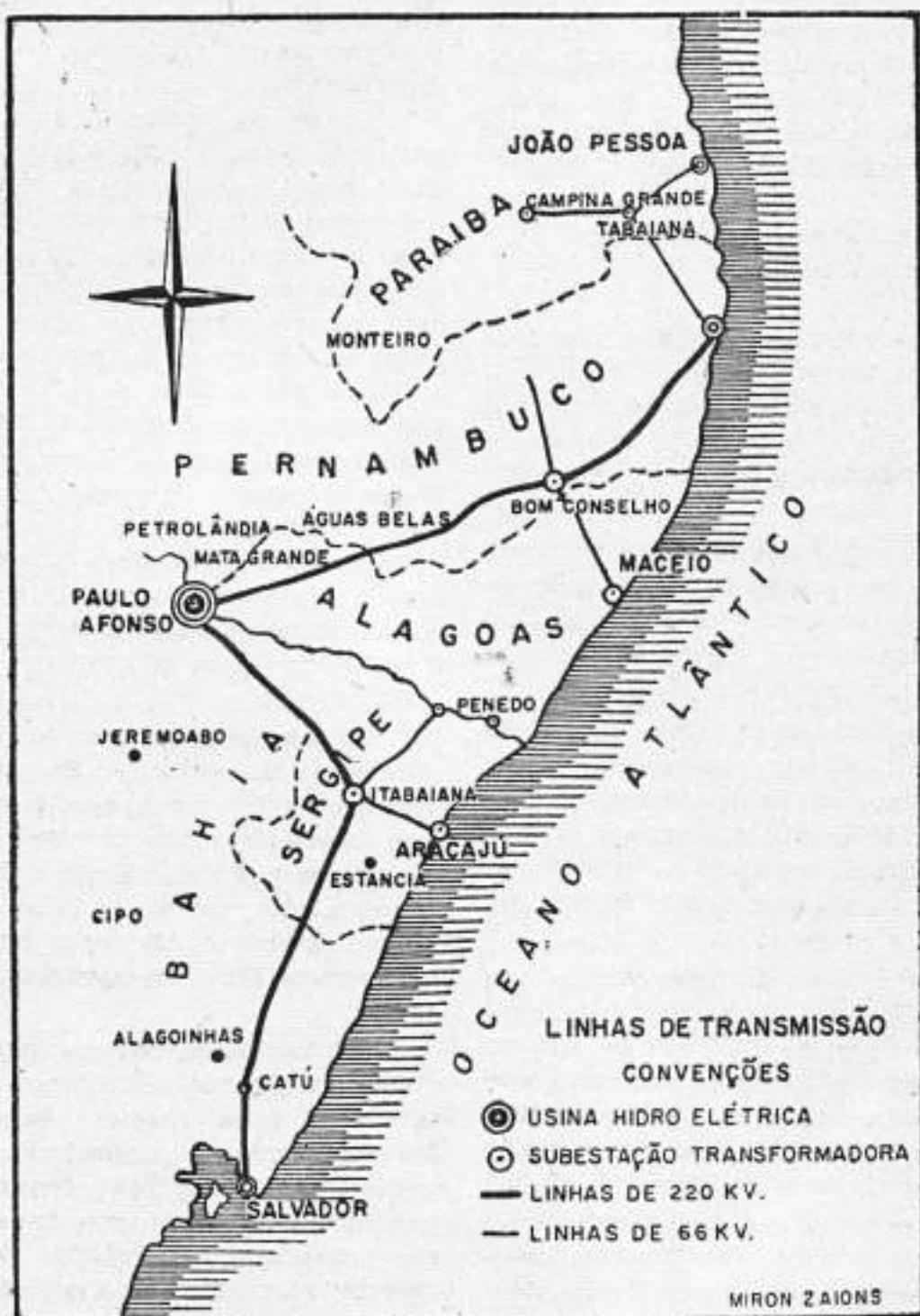


c) CACHOEIRA GRANDE

Cerca de 12 kms. da Barra do Rio Borrachudo o São Francisco apresenta-se em meandros bem contornados tomando a forma de uma grande S, onde seu curso é tumultuado pelo acidente denominado Cachoeira Grande, o último que oferece características econômicas favoráveis ao represamento antes de atingir a parte navegável propriamente dita. A confor-

mação geográfica e geológica favorecem do mesmo modo que nas localidades anteriores, represamento de um volume total de 12,99 bilhões de metros cúbicos de substancial ordem de grandeza para atender às necessidades de geração de energia elétrica, navegação, etc.

A capacidade energética de uma queda artificial estima-se na ordem de 280 KW, permitindo a instalação de máquinas com 760.000



CV e apresentando a geração anual de 2.150 GWh.

O volume destinado à produção de energia elétrica manterá uma descarga suficiente para normalizar o regime do rio em época de estiagem. Vemos pelos dados acima a extraordinária potência hidro-elétrica que pode fornecer o rio São Francisco se for aproveitado. O maior trabalho de aproveitamento da energia concretiza-se em Paulo Afonso.

O sistema do Rio São Francisco se inclui entre os principais do mundo e está destinado a influir decisivamente da região nordestina pela potência final a ser alcançada (um milhão de KW desde a regularização do curso do rio) e pela extensão das linhas de transmissão.

Histórico dos trabalhos realizados para o aproveitamento da energia.

A aspiração antiga e difundida dos brasileiros, é o aproveitamento da energia fornecida por este rio através da cachoeira de Paulo Afonso que surge como a primeira etapa do desenvolvimento total do Vale do São Francisco.

Para a sua realização em 1946 foi fixada a obrigação de ser reservada percentagem da renda tributária da União para atender aos trabalhos necessários ao desenvolvimento econômico desta promissora região.

Datam de 1921 os primeiros estudos do governo Federal para a captação do potencial hidro-elétrico de Paulo Afonso. Foi apresentado em 1939 um trabalho para uma usina de 50.000 KW, destinada ao fornecimento de energia a uma zona dentro de um raio de 240 kms.

O então presidente da hidro-elétrica, engenheiro Antônio José Alves de Souza, propôs a ampliação para 450 kms. de raio do círculo de influência da usina, mas, esta proposta não teve seguimento. A partir de 1943 receberam as primeiras observações um maior impulso a fim de obter os elementos de ordem técnica e econômica, indispensáveis ao projeto de uma grande usina geradora de eletricidade nas proximidades de Paulo Afonso.

Neste mesmo ano, o ministro Apolônio Sales, determinou, contra a opinião dos técnicos da divisão de águas, a organização de um projeto para o aproveitamento parcial da cachoeira Itaparica com potência de 5.000 KW, destinados ao posto pecuário de Petrolândia. Não foi levado a efeito.

Na região Centro Oeste, o aproveitamento hidro-elétrico, concorreu para suprir as deficiências de outras fontes de energia podendo notar-se que o seu maior progresso no eixo Rio-São Paulo coincide exatamente com a exploração mais intensiva dos recursos hidro-elétricos.

O papel da usina de Paulo Afonso é de contribuir para o restabelecimento do equilíbrio rompido desde que a economia nacional deixou de ter bases exclusivamente agrárias. As obras de Paulo Afonso, compõem-se essencialmente da usina subterrânea, das barragens que conduzirão as águas ao ponto de queda e das linhas de transmissão.

A 3 de outubro de 1945 foi criada a Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco. Um dos primeiros cuidados da Companhia recém organizada determinou o levantamento topográfico da região, a colocação de réguas no rio a montante a jusante da cachoeira e o estabelecimento da correlação entre as observações de variação de nível em Paulo Afonso e as já existentes em Juazeiro e Petrolândia.

Em princípios de 1949, ocorreu uma das maiores enchentes do São Francisco, a maior dos últimos 20 anos, permitindo estabelecer uma correlação muito razoável das observações de variação do rio em Paulo Afonso e Juazeiro, pois, possuía-se todos os níveis do rio em Juazeiro, observados em 20 anos e os níveis a elas correspondentes em Paulo Afonso.

As observações feitas mostram que nas grandes enchentes, a descarga sólida arrastada pelas águas excede a duas mil toneladas por hora sendo desprezível nas estiagens.

Desde este ano, não dispondo de equipamentos adequados, pois, êsses tiveram de ser encomendados no exterior só se pôde em 1950 tê-los em Paulo Afonso. Até então, os trabalhos se desenvolveram em ritmo um

tanto lento que sómente se acelerou daquele ano em diante.

Em 1955, as obras ficaram completas, Paulo Afonso era, inicialmente, uma localidade isolada, deserta, desprovida, portanto, de serviço telegráfico, de agência postal, de campo de pouso para aviões.

Foi instalada uma rede radiotelegráfica, ligando a sede, no Rio de Janeiro, com Paulo Afonso, e com Salvador e Recife, onde foram desde logo estabelecidos escritórios para atender principalmente a serviços de compra, de recebimento e de transporte dos materiais, equipamentos e maquinaria. Essa rede estendeu-se, depois, a outras localidades, onde foram criados escritórios menores e não permanentes, acompanhando o desenvolvimento da instalação das linhas de transmissão e das sub-estações.

Algum tempo depois, foi construída uma pista para pouso de aviões pequenos que, mais tarde, com o auxílio do Ministério da Aeronáutica, foi ampliada.

Estabeleceu, então, a «Transcontinental», absorvida depois pela «Real» que hoje se associou à «Aerovias», linhas normais comerciais de navegação aérea ligando Paulo Afonso a Fortaleza, Recife, Salvador, Vitória e Rio de Janeiro.

A organização dos serviços técnicos, dos serviços auxiliares destes, dos serviços de almoxarifado, de transporte, dos de subsistência, dos de contabilidade, dos serviços de assistência social e do serviço de pessoal em Paulo Afonso, onde quase nada havia, exigiu também árdua luta.

LINHAS DE TRANSMISSÃO

No ano de 1955, Recife começou a receber, em janeiro, energia da Usina de Paulo Afonso.

Adiantados os trabalhos, Salvador, Maceió e Aracajú são beneficiados. Duas são as linhas tronco de transmissão: a linha Recife e a Salvador. A primeira dirige-se de Paulo à Paquêvira, proximidades de Guaranhuns, em Pernambuco, onde de uma subestação permite tirar um ramal para Maceió, seguindo a linha tronco para Recife, onde outra sub-

estação transformadora de tensão e de frequência permite entregá-la a concessionária local seguindo depois para Goiana e daí para João Pessoa e Campina Grande.

A linha Paulo Afonso — Recife tem uma extensão de 400 quilômetros. A linha Salvador parte de Paulo Afonso na direção de Itabaiana no Estado de Sergipe, onde uma subestação transformadora permitirá um ramal para Aracajú, seguindo depois, para Catu e Salvador onde outra subestação transformadora entregará energia para a concessionária local. Essa linha tem um comprimento de 450 quilômetros.

O GADO COMO FATOR ECONÔMICO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO

A criação de gado, um dos fatores econômicos de maior importância da bacia do São Francisco, surgiu e desenvolveu-se praticamente, com a nossa história. Apenas descoberto o Brasil depois de um pequeno período de quase abandono, fez-se necessário povoar e conservar a posse das terras recém descobertas surgiram as primeiras expedições colonizadoras. Logo após, com a vinda do primeiro governador geral para o Brasil, fez-se a introdução do gado na região em estudo.

Na comitiva de Tomé de Souza, vinha Garcia D'Avila, o precursor dos nossos bandeirantes.

Serviu inicialmente o gado como agente de expansão. Na primeira metade do século XVI, as povoações desenvolveram-se apenas no litoral. Sómente após a chegada de Tomé de Souza começaram as penetrações para o interior. Inicialmente interessado apenas nas incursões contra os selvagens ou para aprisioná-los ou para afugentá-los, foi Garcia D'Avila o primeiro a observar as ótimas condições dos vargeados, vazantes e carnaubais, para o desenvolvimento da criação do gado na região do São Francisco.

Fernão Dias Pais Leme, em suas viagens, pelo interior brasileiro já encontrou muitos currais construídos por colonizadores portugueses, bastante afastados do litoral onde já florescia a criação do gado. E' que percebendo maiores vantagens nas terras afastadas da costa, os criadores penetraram as

florestas com seus rebanhos e não havendo limites para penetração deixavam-se guiar pelos animais à escolha de trilhos, pastagens e pontos d'água.

As pastagens às margens do São Francisco e seus afluentes eram gordas e abundantes. Garcia D'Avila e Guedes de Brito e seus sucessores espalharam-se rapidamente, por esta região e mais tarde levaram a criação aos sertões nordestinos de Pernambuco, Ceará, Goiás, Rio Grande do Norte, Paraíba e Maranhão.

Dos currais estabelecidos surgiram muitos povoados e posteriormente cidades.

A pecuária atingiu grande importância durante a fase açucareira. Durante o período áureo da exploração do açúcar, o gado era de grande utilidade, quer como agente de trabalho, quer como alimentação. Os engenhos quase todos movidos por bois produziam enormes desgastes necessitando um fornecimento de gado regular. Os que trabalhavam neste labor necessitavam alimentação adequada sendo a carne fator básico. Estabeleciam-se currais ao lado dos engenhos destinados a suprir as necessidades locais.

Mais uma vez, a bacia do São Francisco foi origem do surto da criação que se espalhou para o norte e para o sul do Brasil.

Por ocasião da descoberta do ouro e do desenvolvimento da mineração do século XVIII, o vale do São Francisco já apresentava muitas vilas florescentes nas quais desenvolvia-se grandemente a pecuária. O gado foi muito aproveitado no início da fase industrial brasileira.

Sendo o vale do São Francisco o ponto inicial da expansão da criação de gado, foi nesta região que se desenvolveram os maiores currais e fazendas criadoras. Os descendentes de Garcia D'Avila seguindo o exemplo do introdutor da pecuária no nosso interior, transformaram-se com o tempo nos maiores criadores balanços.

Como foi dito no início, os engenhos açucareiros contribuiram de maneira marcante para o desenvolvimento das criações. A necessidade de uma quantidade cada vez maior de cabeças para atender às várias funções executadas pelo gado, principalmente bovino,

fomentava a procura de condições cada vez melhores para o aumento da pecuária.

As pastagens eram inutilizadas rapidamente o que fazia com que os criadores lançassem os olhos para os terrenos férteis do interior.

As fazendas multiplicavam-se principalmente às margens do São Francisco e seus afluentes em direção norte sul ou seja aproximando-se de Minas.

Com o aumento da procura do produto, este foi se valorizando. O comércio do gado foi se regularizando, foram-se criando mercados fixos em vários lugares, perdurando alguns até nossos dias, como as de Sant'Ana, Curralinho e Candeúba na Bahia.

A pecuária segue atualmente as mesmas normas empregadas desde seu início, sem progressos importantes. Quando as rezas atingem os 4 anos são separadas para serem vendidas. Depois são conduzidas às feiras principalmente as bahianas para onde concorrem os rebanhos vindos até de Goiás e do sul do Piauí e que após longas caminhadas permanecem nas caatingas do São Francisco para engordar. Em seguida são levadas à venda. Para estas feiras aparecem os sertanejos dos arredores, constituindo-se estas mais uma festa típica do que simples mercado.

Não se restringem apenas à venda de gado, mas também apresentam os produtos industriais da região como roupas, chapéus de couro, luvas, chibatas etc.

A maior feira de gado de todo o norte é a de Sant'Ana. Ao redor de uma capelinha desenvolveu-se um arraial, tornando-se conhecida em todo o Brasil, graças à feira de gado que desde o tempo do império até hoje reunem-se semanalmente. Milhares de cabeças de gado dos pontos mais longínquos, da Chapada Diamantina, dos sertões do São Francisco e mesmo do Piauí, e de Goiás acodem a esta feira. E ela abastece de gado as cidades do litoral, as cidades do Recôncavo Baiano e a capital baiana, para onde são mandados semanalmente cerca de 1.000 bois.

Importante centro de entroncamento de numerosas rodovias, servida também por estrada de ferro, todas estas vias de comunica-

ção possibilitam à Feira de Sant'Ana não só concentrar a produção pecuária dos municípios criadores vizinhos e das zonas mais afastadas do sertão, com também, exportar o gado para os mercados consumidores não só da Bahia como dos Estados próximos.

Também são vendidos cavalos, burros, carneiros e suínos. O movimento comercial desta feira atinge sempre milhões de cruzeiros.

Deste modo a Feira de Sant'Ana tornou-se o maior centro de transações comerciais de gado, sendo suas feiras oficializadas.

No tempo em que o gado era o principal agente de trabalho e meio de transporte o consumo dos produtos de couro era enorme por não se conhecerem materiais tais como papelão, muitos tecidos usados atualmente, o que fez com que se desenvolvessem na região das criações uma nova indústria bastante explorada. Esta indústria também contribuiu para a economia da região do São Francisco visto ser esta o maior centro pecuário.

Foi assim o vale do rio São Francisco o condutor do desbravamento econômico da grande parte do território nacional.

No período do Brasil colonial, exerceu a criação de gado na economia social uma importância bem maior do que em nossos dias.

A vegetação da Bacia do São Francisco, como fator de economia

A vegetação natural do vale do São Francisco, atualmente é muito pobre, mas provavelmente em outros tempos era constituída de uma mata verdadeira, com árvores de porte elevado. A destruição da mesma, para exploração da lenha e agricultura extensiva, teria dado então, como reconstituição, as capoeiras. A própria capoeira continua sendo devastada na exploração de lenha e carvão vegetal.

Entre as principais espécies ali encontradas, temos o «dendezeiro», cujas folhas encontram largo emprêgo como cobertura das habitações rústicas. O umbu, imburana, braúna, aroeira, que têm aproveitamento mais restrito para o consumo da lenha. A braúna e aroeira, porém são de tronco mais perfeito e têm reputa-

ção de madeiras duríssimas e duráveis, encontrando largo emprêgo como moeirões, madeira para construções, etc.

Entre a vegetação de menor porte, encontramos principalmente o caroá, cujas fibras substituem as do cânhamo, da juta e do linho. Encontra-se freqüentemente à beira da estrada, amontoamentos de feixes de folhas de caroá, aguardando transporte. Em Urumamá há uma usina onde se faz o beneficiamento de fibra, que depois é enviada a Recife. A exploração do caroá é exclusivamente extractiva.

Há também a macambuia, que é utilizada para alimento do gado.

Em Canabrava aparece grande número de palmeiras «licuri», cujas frutas são exploradas na extração de óleo.

Na região do Rio Moxotó, aparece a palmeirinha de ouricuri, e principalmente a «carnaúba». Esta representa um fator importante na economia desta região, a madeira de carnaúba é muito forte, capaz de um bom polimento, sendo usada para construções. As folhas, novas ainda, segregam uma cera amarela, facilmente desprendível da parte superior, não tanto na inferior. Esta cera se conhece com o nome de «cera de Carnaúba». As folhas servem também para cobrir telhados, construções de cabanas e para alimentação do gado. As fibras servem para fazer cordas e esteiras. Os frutos, apesar de amargos, às vezes são aproveitados como alimento, e são comidos crus ou cozidos. Da medula do tronco se obtém farinha.

Para obtenção da cera, corta-se as folhas em pedaços, deixando-as secar à sombra, sacudindo-as depois; resulta assim um pó gris-amarelado, que se faz fundir e coloca-se em formas de barro para tomar a forma de pães. Depois de havé-las purificado por fusão e decantação, é sólida, seca, dura, de cor branca-amarelada, de estrutura lisa e lustrosa. A cera de Carnaúba é empregada na fabricação de velas e outros objetos.

Outra planta que é muito importante como fator econômico, é o babaçu; apesar de ser planta típica do Estado do Maranhão, são encontrados alguns espécimes no vale do São Francisco. Bem aproveitado, o babaçu poderia ser um dos principais produtos da econo-

mia nacional. No princípio de sua exploração havia a dificuldade da quebra do côco, o que fazia muitos desistir da emprêsa. Com o tempo porém, conseguiu-se exportar o babaçu, principalmente para a Alemanha, Holanda e Estados Unidos; esta exportação era feita tanto do côco, como da amêndoas ou óleo.

No babaçu tudo é aproveitado: o tronco é utilizado como esteio. Das folhas, fabricam-se chapéus, bolsas, esteiras e ainda servem para cobertura de cabanas. O palmito que constitue alimento precioso. Os cachos e frutos quando apodrecidos, servem de adubo.

Mas é no fruto que se encontram as mais preciosas propriedades. Apresenta-se o côco em cachos, de 3 a 6 por palmeira, variando o número de cocos, de 150 a 300 cada um. São normais duas colheitas por ano, mas é comum as palmeiras produzirem todo o ano.

Das matérias que compõe o côco, produz-se óleo, resinas, farinha alimentícia, fibras e combustível. As fibras são largamente empregadas no fabrico de cordas, capacho, escovas, tapetes, etc. Como combustível, tem as mesmas propriedades que a lenha comum. De uma fécula amarelada, prepara-se farinha com excelentes propriedades alimentícias e medicinais, além de bebida semelhante ao chocolate. O «endocárpio» do fruto, constitui a parte mais resistente do fruto, assemelhando-se a uma madeira rija. É esta parte do côco que contém as amêndoas, que são geralmente em número de 3 a 6. Desta parte rígida, fabricam-se todos os apetrechos de pequeno formato, onde exigiam antes o emprego do osso ou marfim vegetal.

Da amêndoas extrai-se o principal produto que oferece o babaçu — o óleo. Além de seu emprêgo como lubrificante, encontra larga aplicação na indústria de perfumaria, no fabrico de sabonetes e sabão, sendo ainda apresentado como sucedâneo do azeite de oliva e manteiga.

O óleo, de cor amarelo-clara, solidifica-se com o frio, tornando-se de cor branca, em todo semelhante à banha de porco, à qual substitue perfeitamente, já existindo grandes indústrias que se dedicam à sua exploração.

Da massa que resulta após a retirada do óleo, prepara-se uma torta, empregada na alimentação do gado, que tem grande procura nos mercados estrangeiros.

Das cascas, pode-se ainda extrair: acetato de cálcio, álcool metílico, ácido acético (vinagre), óleos lubrificantes, anilinas, ácido fênico, tintas para ferro, pixe, breu e derivados de alcatrão. Da casca ainda obtém-se um carvão de excelente qualidade.

A maior dificuldade é a «quebra» do côco, que ainda é feita à machado, muitas vezes inutilizando a amêndoas.

Entre as principais culturas da zona da bacia do São Francisco, encontramos a cana de açúcar, que já marcou época na economia do nordeste.

Encontram-se ainda extensos canaviais nestas regiões. A exploração da cana é ainda feita de modo rudimentar e também a carência de transportes prejudica o desenvolvimento que poderia ter. A cana é explorada principalmente para a obtenção do açúcar fabrico da cachaça e rapadura.

Pode-se salientar ainda as lavouras de mandioca e mamona.

Entre as árvores frutíferas, encontra-se principalmente a bananeira.

—(o)—

Recursos Minerais.

Indústria e Manufaturação

O desconhecimento quase total do volume das ocorrências minerais do vale do São Francisco tem impedido até agora a estrutura de um plano de industrialização, para o vale, à base da matéria prima de origem mineral.

Com efeito, diversamente da região do alto São Francisco, onde se conhecem importantes jazidas de ferro, manganês, pirita, quartzo, agalmatolita, ouro etc, pouco se sabe das ocorrências minerais das regiões do médio e baixo São Francisco, reduzindo-se a simples considerações superficiais, tudo que se tem descrito nesse sentido.

Na falta de investigações fundamentais sobre as possibilidades do potencial mineral do vale, a Comissão Nacional de Geografia,

abrangendo um amplo programa de estudos, do qual fazem parte trabalhos de Geografia, Geologia econômica, de Geomorfologia e de indústria mineral.

As condições vigentes na bacia do São Francisco, acusam deficiências no que diz respeito à acumulação de possantes massas minerais, pode-se afirmar que são sobremaneira restritas e de pequena significação em geral as reservas metalíferas conhecidas no vale.

Quanto aos recursos ponderáveis apenas alguns são conhecidos, apresentando-se desde logo o ferro que se distribui por ampla faixa do São Francisco, principalmente, as jazidas de hematitas nos corredores de Urândi, Riacho de Sant'Ana e de Chique-Chique. Amplas reservas de ouro são encontradas na região da serra de Assuruá em depósitos quaternários ou terciários. O teor porém raramente atinge 8 gramas. Numerosas outras jazidas são encontradas como: cobre, zinco, chumbo, platina, quartzo que na serra do Espinhaço toma a coloração roxa; ametista de excelente qualidade.

As camadas da série de Lavras são bem conhecidas como produtoras de diamantes.

A Série de Minas e o complexo arqueano contém calcários.

Alguns calcários da Série Bambuí têm textura marmórea, recebem polimento perfeito.

Os calcários da Série Caatinga de ótima composição, produzem sal de 1a. ordem.

Sómente pesquisas completas poderão permitir a última palavra sobre as possibilidades que esses depósitos oferecem, com exceção do calcário para cimento que afi há com extensas reservas.

Até hoje não foi registrado nenhum indicio de petróleo, na série do baixo São Francisco.

INDUSTRIAS

Os solos e o clima são fatores de certa forma ligados que condicionam as indústrias agrícolas.

As terras atingidas pela seca são uma fração considerável da bacia do São Francisco tornando-se em certa época inadequadas para a agricultura.

Considerados em conjunto os processos da lavoura no São Francisco, ainda permitem primitivos, sendo o utensílio principal para revolver a terra: a enxada. Salvo raras exceções se conhece a adubação.

Cultivam o algodão com certa intensidade em quase todo vale, mas grande parte dessa produção é preparada por processos primitivos. Para o sul há grande produção de cereais, principalmente milho e feijão, plantam mandioca e fabricam a farinha também por processos primitivos.

O único centro importante de plantação de fumo, localiza-se no município de Brotas.

Os solos calcários da serra de Bambuí são adequados a cana de açúcar, fabricam aí pequena quantidade de açúcar por processos primitivos.

O caldo de cana, fermentam-no e destilam-no para manufatura de aguardente, destinada ao consumo local e à exportação.

A indústria pastoril incontestavelmente é fundamental na vida econômica do São Francisco.

Anexa à pecuária floresce a exportação de couro de gado bovino e caprino. Praticam o cortimento em pequena escala em toda região. No vale do rio das Velhas já existem bons cortumes. A indústria dos laticínios está bastante desenvolvida. Fabricam pequenas quantidades de queijo, em geral apenas para consumo das fazendas.

Extraem sementes oleaginosas, tiram fibras de certas plantas que são procuradas nos mercados nacionais e estrangeiros.

Destaca-se o caruá, sendo grande o seu aproveitamento com a adoção de processos adequados à tecelagem poderá libertar o país da importação de fibras para sacarias e cordoalhas.

Conservam alguns pescados por processos rudimentares.

A indústria fabril permanece praticamente nula.

A produção de tecidos grossos para o consumo local, afigura-se em indústria promissora.

No quadro da bacia hidrográfica do São Francisco, apenas uma área se destacou até hoje apresentando marcada vocação industrial é a região de Minas Gerais; que coincide em grande parte com as cabeceiras do rio das Velhas e do Paraopeba.

Em todo resto da bacia apenas se pode vislumbrar possibilidades reais do progresso industrial. No tocante a estas possibilidades de industrialização à base mineral, somente após a conclusão dos estudos da comissão do Vale do São Francisco é que poderá ser traçada em um plano definitivo para industrialização do vale. Tem havido tentativas de aproveitamento industrial da Bacia do São Francisco.

Inicialmente foram destacadas as áreas com possibilidades de maiores instalações industriais, de transformações de produtos agro-pecuários, industriais de alimentação e pequenas manufaturas que são: Barreira, Barra, Santa Maria da Vitória e São Francisco.

Em segundo lugar foram enumeradas áreas, em que os outros industriais do tipo anterior agro-pecuário tentam a enriquecer-se com instalações de indústrias, de manufaturas, de pequenas indústrias químicas etc. são: Juazeiro, Petrolina, Montes Claros, Pirapora, área do Curvelo e Corinto.

Duas áreas devem ser marcadas como de vocação industrial:

Região Central de Minas.

Região do Baixo São Francisco.

A riqueza mineral e a posição geográfica destacam a região central de Minas como a de maiores possibilidades industriais do Estado. A riqueza mineral é suscetível de industrialização imediata.

A posição dessa região comanda toda a economia do alto São Francisco e será fator decisivo no desenvolvimento da bacia.

As limitações a seu maior desenvolvimento se prendem, a escassez da energia elétrica, em face da inexistência de combustíveis fáceis; e é nesse ponto que a Comissão do Vale do São Francisco se fortalece, por quanto visando regularizar o regime fluvial do São Francisco, sugere a construção de represas que constituirão grandes potenciais hidroelétricas favoráveis ao abastecimento de eletricidade dessa região.

Influência econômica da Bacia do São Francisco na migração

Estudando os ciclos de expansão econômica brasileira, verifica-se que no ciclo do pau brasil como no ciclo do açúcar, não se verificou propriamente exploração das terras do São Francisco.

Foi porém com o ciclo da criação do gado que as terras do São Francisco estavam destinadas a presenciar um longo surto de ocupação e de movimentação humana quando as primeiras boiadas marcaram a presença do homem na vastidão dos sertões traçando «caminhos» e formando «currais».

A penetração da bacia do São Francisco iria se processar no norte ao longo das trilhas que conduziam a gadaria. Realizava-se então a penetração do gado, vadeando rios, criando núcleos de povoamento à margem dos caudais, até atingir as barrancas do São Francisco que em pouco seria o «rio dos currais».

O «ciclo do criatório» marcaria a legenda de nossa ocupação territorial de características inconfundíveis.

Tanto que a caça às minas ele iria determinar uma expansão territorial vastíssima, uma diluição de gentes, que mal se distinguem nos gânglios de povoamento que se formavam em torno dos currais.

Lançadas sobre o quadro geográfico dos campos pobres e das caatingas do São Francisco a expansão da gadaria só poderia se fazer na escala de imensas distâncias. Garcia D'Avila e Guedes Brito iriam simbolizar a presença de uma hierarquia social no quadro de tão grandes impérios.

Se é verdade que o São Francisco, no fundo de sua calha hidrográfica iria se tornar um «condensador de gentes» e numa avenida interior de povoamento é nítido que esse adensamento longitudinal de população seria devido a atração que a água exercida sobre o homem e sobre o gado no tablado geográfico dos campos gerais, e das caatingas sêcas.

No ciclo de criação o rio São Francisco foi um eixo de penetração de grande permeabilidade que, entretanto, não apresentava condições de meio para um adensamento permanente e progressivo de população.

Através de séculos as suas barrancas assistiram a evolução lentíssima de uma «civilização do couro», condicionada à existência de pastagens de baixo índice de sustentação por área.

O ciclo das minas de ouro e do diamante iria vasculhar todo anfiteatro da cabeceiras do grande caudal.

A penetração paulista e a instalação das minas abriria a época do povoamento descendente da expansão que acompanhavam as águas e os aluviões riquíssimos. O intercâmbio interior, a continuidade de povoamento diluído é verdade, mas ininterrupto, iria resultar do poder de aproximação e da facilidade de deslocamento que o São Francisco oferecia, na penetração de suas águas, rasgando suavemente o imenso planalto interior. O ciclo das minas completou os contatos do homem vindo do norte e do sul.

Ao longo de sua calha forjou-se o elo definitivo da unidade nacional quando se entrelaçaram os homens das minas e os homens dos currais.

Não foi entretanto através de um povoamento contínuo e de contatos humanos permanentes e estreitos que se processou a ocupação da grande bacia.

As próprias características da exploração mineira ou pastoril seguiram à segregação de glângulos de povoamento e a dispersão do gado. Não se pôde adensar no médio São Francisco as manchas carregadas de povoamento humano que tecem a urdida das conquistas permanentes e que traçam as páginas da lenda histórica.

O rio ainda hoje continua grande fator de movimento das populações. Ao homem ribeirinho essencialmente errante, os casos da vida, cheias, secas, lutas políticas fazem mudar facilmente de domicílio. Já se mencionou a população penetrante. Nos centros urbanos, é considerável o elemento alóctone, se bem que oriundo de outros centros são-franciscanos.

Certas regiões devido a escassez de recursos, lutas, estragos pelas enchentes, tinham população dispersa por todo vale. Assim sucede com Remanso e Chique-Chique, para citar dois exemplos.

Há alguns anos, teve incremento a corrente emigratória para São Paulo e Goiás, atualmente diminuída com a baixa das cotações do café. Diversas razões concorriam para esse fenômeno social. A mais importante é a depressão econômica consequente da seca.

Da região compreendida entre Barra Grande e Januária partiam anualmente alguns milhares de homens. Quase todos subiam o rio até Pirapora para tomar a estrada de ferro. Alguns viajavam a pé.

O exodo avolumava no trecho compreendido entre Lapa e Gavenhanha. Agentes aliciavam emigrantes a Cr\$ 10,00 por cabeça.

O homem emigrava só, a família ficava, sempre com a esperança de regressar provido de recursos.

Alguns voltavam definitivamente ao passo que outros só em visita para ao cabo de algum tempo, se fixarem definitivamente no sul.

Observa-se em Minas Gerais movimento humano em sentido contrário, descendo das terras altas do centro para o vale do São Francisco.

A colocação da capital em Belo Horizonte e a abertura de novas comunicações tem provocado esse fenômeno, que vem deslocando a população do centro de Minas.

O mineiro, notando a pobreza das terras da parte central do estado devido à natureza, as dificuldades do tamanho e mesmo o cansaço, tendo a leste terras de preço elevado, procura o vale do São Francisco, onde já pode praticar a lavoura intensiva.

A vida do estado de Minas tende a ganhar o eixo do vale do São Francisco. Começa a se fazer sentir essa nova vaga de penetração, posto que ainda muito local, contrabalançando em grande parte com os fenômenos contrários.

Tudo leva a crer que dentro de algum tempo, o fenômeno venha a generalizar, levando o vale do São Francisco, nova popu-

lação. Modificar-se-ão os processos agrícolas intensificar-se-á o transporte fluvial.

Quando o São Francisco se transformar em área ocupada firmemente, em região desenvolvida e progressista, quando ele puder atrair masas humanas, em lugar de as ver partir, terá se formado um elo fortíssimo, material de união e de defesa brasileira.

ELEMENTO HUMANO

O homem que povoava a bacia do São Francisco é um elemento que muito pouco produz para a economia nacional. Aí a região é pobre, o homem se dedica à agricultura em pequena escala, como também à criação. A bacia não apresenta indústrias nem outras atividades econômicas em que possam ser aproveitados estes elementos os quais vivem numa pobreza miserável com nível de vida bastante baixo. Assim mesmo depois que começaram a surgir estas obras de grande vulto como a usina elétrica de Paulo Afonso para regular o curso dos rios e outros ainda pôde o elemento daquela região encontrar um meio de vida que proporcionasse maior conforto.

A população desta bacia procura explorar a situação de forma mais simples, então vamos encontrar o aguateiro, elemento que se incumbe de levar água à população da vila, pois nos núcleos ribeirinhos, água encanada é coisa que nem se fala. Este trabalho é remunerado, ele vende água aos fregueses. Os que não podem pagar precisam ir buscá-la, eles mesmos, no rio.

O arrieiro é outro tipo característico da região. Ele executa o transporte de cargas. Uns são empregados pelos fazendeiros ou comerciantes, outros trabalham por conta própria, cobrando fretes por seu serviço. São muito comuns nos mercados, nas feiras, onde oferecem seus serviços aos que ali vão comprar alguma coisa. É uma atividade bastante primitiva porém permite ao arrieiro um meio de vida e elementos para sua sustentação e de sua família.

Em outros pontos vamos encontrar o tropeiro, proprietário de burros, os jegues, que trabalham por empreitada e são muitas vezes ajudados pelos arrieiros.

Atividade que não poderia deixar de existir nesta região da Bacia do São Francisco é a dos tripulantes das embarcações que servem-se dos rios como «estrada que caminha». Deste modo, vamos encontrar os diversos tipos de elementos como varciro, remeiro e outros que desenvolvem o comércio entre as diversas populações ribeirinhas, dando impulso ainda que pequeno à economia da região.

Porem o elemento humano desta zona não pode produzir muito devido às condições sanitárias em que se encontra. Atualmente o panorama é bem melhor, pois a comissão do Vale do São Francisco tem um programa para o saneamento da região, assistência médica, escolas, etc. mas aí a mortalidade infantil infelizmente ainda é muito grande o que acarreta uma densidade demográfica bastante reduzida. Ainda mais que os elementos que conseguem resistir às moléstias se tornam elementos quase nulos para a economia da bacia uma vez que não tem os meios para refazerem-se das deficiências deixadas pelas moléstias.

Haja visto o caso da malária nesta região: aí a incidência da malária era da casa de 90%. Depois com o aparecimento do D.D.T. em 1947, inseticida, o extinto Serviço Nacional de Malária teve ótimos resultados na campanha contra o anofelino, mosquito transmissor da malária, e a incidência desta moléstia tornou-se quase nula. Assim hoje é bem menor o número de casos de malária e as pessoas que adquirem a moléstia, em número bem menor do que a uns 10 anos atrás e assim pode-se prevê uma melhoria para as gerações vindouras. Atualmente porém, a população é fraca e desanimada, pois a malária é moléstia anemizante e como estas populações não possuem alimentação adequada para combater a anemia tornam-se apáticos, desanimados, aparentemente indolentes e preguiçosos.

Uma população assim pouco ou nada pode fazer pelo desenvolvimento e valorização desta área potencialmente rica mas efetivamente pobre.

BIBLIOGRAFIA

— A Bacia do Médio São Francisco — Jorge Zarur.
 O rio São Francisco — Agenor Augusto Miranda.
 O rio São Francisco — Geraldo Rocha.
 O vale do São Francisco — Lucas Lopes.
 História Econômica do Brasil — Roberto Simonsen.
 Fazendas de gado do vale do São Francisco — José Norberto Macedo.

O vale do São Francisco — Luiz Flores de Moraes Rego.
 Tipos e aspectos do Brasil — Profa. Elsa Coelho de Souza.
 Plano geral para o aproveitamento econômico do vale do São Francisco.
 Elaborado pela Comissão do Vale.
 Geografia do Brasil — Aroldo de Azevedo.
 Geografia do Brasil — Moysés Gicovate.

Situação dos estados que interessam a bacia

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

		Cr\$ 1.000,00	ALAGOAS	
Minas Gerais	1940	1.177.545	Bovinos	401.400
	1950	8.387.343	Asininos	95.000
	1953	13.630.574	Muares	23.040

Bahia	1940	236.841	Suinos	44.340
	1950	1.563.782	Ovinos	282.090
	1953	2.908.103	Caprinos	182.260

SERGIPE

Pernambuco	1940	807.646	Bovinos	467.000
	1950	4.583.205	Eqüinos	56.500
	1953	6.882.971	Asininos	12.390

Sergipe	1940	94.758	Suinos	137.530
	1950	470.722	Ovinos	168.370
	1953	866.065	Caprinos	91.010

BAHIA

Alagoas	1940	177.340	Bovinos	4.398.600
	1950	886.984	Eqüinos	553.370
	1953	1.302.240	Asininos	485.520

PECUARIA				
População Pecuária em 31-12-1953				

PERNAMBUCO				
Bovinos	958.620	Bovinos	12.430.030	
Eqüinos	238.330	Eqüinos	1.083.270	
Asininos	137.910	Asininos	24.620	
Muares	155.940	Muares	415.230	
Ovinos	592.280	Suinos	4.692.900	
Suinos	641.640	Ovinos	300.200	
Caprinos	1.440.510	Caprinos	243.080	

MINAS GERAIS				
Bovinos	Bovinos	12.430.030	
Eqüinos	Eqüinos	1.083.270	
Asininos	Asininos	24.620	
Muares	Muares	415.230	
Suinos	Suinos	4.692.900	
Ovinos	Ovinos	300.200	
Caprinos	Caprinos	243.080	

MINÉRIO DE FERRO

Minas Gerais .. 1945 — 647.553 toneladas

1953 — 3.597.979 toneladas

OURO

Minas Gerais ..	1945 — 5.032 toneladas
	1953 — 3.575 toneladas

MANGANÊS

Minas Gerais ..	1945 — 826.416 toneladas
	1953 — 218.120 toneladas

P E S C A D O

	1946 — Toneladas	1953 — Toneladas
Pernambuco	785	931
Alagoas	1.428	1.130
Sergipe	773	1.586
Bahia	3.988	5.208
Minas Gerais	1.050	1.959

C A C A U

	1952 — Toneladas	1954 — Toneladas
Pernambuco	18	20
Bahia	108.739	157.844 (1.º lugar)

C A N A D E A Ç U C A R

	1952 — Toneladas	1954 — Toneladas
Pernambuco	6.201.756	6.825.627
Alagoas	2.410.067	2.710.015
Sergipe	638.196	697.568
Bahia	2.248.488	2.420.488
Minas Gerais	4.887.544	5.289.724

C O C O D A B A H I A

	1952 — frutos	1954 — frutos
Pernambuco	34.828	32.397
Alagoas	52.262	60.977
Sergipe	37.141	38.122
Bahia	62.231	65.181 (1.º lugar)
Minas Gerais	3.036	3.300

F E I J A O

	1952 — Toneladas	1954 — Toneladas
Pernambuco	31.781	73.764
Alagoas	16.797	29.654
Sergipe	5.346	9.585
Bahia	40.405	64.109
Minas Gerais	249.874	292.252 (2.º lugar)

F U M O E M F O L H A

	1952 — Toneladas	1954 — Toneladas
Pernambuco	1.026	1.592
Alagoas	2.699	3.414
Sergipe	2.422	2.229
Bahia	19.758	30.696
Minas Gerais	17.517	16.767

M A M O N A

	1952 — Toneladas	1954 — Toneladas
Pernambuco	22.445	23.392
Alagoas	2.233	3.216
Bahia	48.257	65.025
Minas Gerais	10.579	10.439

UNIVERSITARIAS

M A N D I O C A

	1952 — Toneladas	1954 — Toneladas
Pernambuco	980.079	1.167.642
Alagoas	349.068	365.088
Sergipe	488.591	598.737
Bahia	1.890.087	2.508.392 (1.º lugar)
Minas Gerais	1.371.569	1.459.715 (2.º lugar)

M I L H O

	1952 — Toneladas	1954 — Toneladas
Pernambuco	78.427	161.519
Alagoas	41.704	66.643
Sergipe	20.357	28.807
Bahia	61.781	97.670
Minas Gerais	1.367.267	1.325.056

T O M A T E

	1952	1954
Pernambuco	54.397	90.390 (2.º lugar)

C O U R O S D E B O V I N O S

	1940 — Toneladas	1954 — Toneladas
Pernambuco	3.482	4.413
Alagoas	645	482
Sergipe	688	1.294
Bahia	3.171	3.941
Minas Gerais	3.429	6.057 (2.º lugar)

C O U R O em seco

	1940 — Toneladas	1954 — Toneladas
Pernambuco	129	207
Alagoas	16	42
Sergipe	62	56
Bahia	1.387	1.906
Minas Gerais	1.090	2.578

C O U R O salgado

	Toneladas	Toneladas
Pernambuco	192	731
Alagoas	234	414
Sergipe	323	80
Bahia	314	771
Minas Gerais	5.123	5.892

Indústrias de Produtos Alimentares

ABATE DE RESES (1954)

	Bovino	Suíno	Ovino	Caprino
Pernambuco	235.869	128.458	221.545	302.814
Alagoas	42.837	58.363	20.328	23.109
Sergipe	56.867	45.864	39.551	32.736
Bahia	361.884	291.800	295.810	338.244
Minas Gerais	648.149	927.659	25.241	34.781

PREPARAÇÃO BANHA, COMPOSTO E TOUCINHO

Pernambuco	1945	—	19	1954	—	4.670
Alagoas			25			786
Serpigé			89			942
Bahia			26			5.346
Minas Gerais			1.843			41.683

PASTEURIZAÇÃO DO LEITE — FABRICAÇÃO LATICÍNIOS — DOCE DE LEITE

	Cr\$ 1.000,00		Cr\$ 1.000,00	
Minas Gerais	1950	—	33	1954 — 1.340

LACTOSE

Minas Gerais	1950	—	21	1954	—	4.266
--------------------	------	---	----	------	---	-------

LEITE CONCENTRADO

Minas Gerais			1954	—	369
--------------------	--	--	------	---	-----

LEITE CONDENSADO

Minas Gerais	1950	—	365	1954	—	4.365
--------------------	------	---	-----	------	---	-------

LEITE EM PO'

Minas Gerais	1950	—	674	1954	—	13.837
--------------------	------	---	-----	------	---	--------

LEITE PASTEURIZADO

Minas Gerais	1950	—	92.805	1954	—	394.557 (1.º lugar)
--------------------	------	---	--------	------	---	---------------------

MANTEIGA

Minas Gerais	1950	—	16.127	1954	—	642.310 (1.º lugar)
--------------------	------	---	--------	------	---	---------------------